

GLÓRIA DIÓGENES

A acadêmica que transpõe barreiras intelectuais e morais



Glória Diógenes: porque tudo que a vida quer da gente é coragem

Entrevista com Glória
Maria dos Santos Diógenes
— Glória Diógenes, em 23/
11/2004

Produção, redação e
edição final: Ciro Câmara,
Humberto Leite e Maria Rita
Ferreira

Texto de abertura:
Maria Rita Ferreira

Participação:
Camila Vieira, Ciro
Câmara, Cristina Carneiro,
Daniel Sampaio, Fernando
Ramos, Humberto Leite,
Juliana Colares, Karine
Wanessa, Marcos Edson
Cavalcante, Maria Rita
Ferreira, Paulo Júnior
Pinheiro e Tarciana Campos
Foto: Igor Grazionno

A entrevista que você lerá agora talvez não doa no seu estômago como doeu no meu. Talvez porque, quando as idéias de Glória Diógenes visitarem suas entranhas, elas não estejam embebidas de vinho como as minhas estavam. Não, eu não estava bêbada, foi só uma gentileza de Glória ao dar uma pausa na entrevista para servir patê, torradas e vinho. Em verdade, o que nos embebedou foi a personalidade alucinante e alucinada da entrevistada. “Leia sem moderação”.

Glória Diógenes é socióloga doutora, professora da UFC, coordenadora do projeto Enxame, pesquisadora, militante, mãe, pai... Contraditória e frágil, segundo ela mesma; firme e forte, segundo os outros. Para mim, ela serve de exemplo. O exemplo que eu digo é da sua opinião sobre a vida: “A vida vale a pena”. Exemplo este pensado de tanto olhar para a vida, não para a

sua própria, mas para a dos outros. Ela diz que essa lição ela aprendeu com os garotos do projeto Enxame. Bem, como boa professora, ela aprendeu e passou a lição para frente, é esse o exemplo.

Curiosa, inquieta, ela faz muitas coisas ao mesmo tempo, às vezes, mesmo sem saber fazer, mesmo cansada ou sem estar preparada. Ela disse que não estava preparada para ser mãe na primeira gravidez, teve quatro filhos. Disse também que também não estava preparada para lidar com as vidas sofridas dos garotos do projeto, há quatro anos ela cuida de trinta e cinco vidas. E como se prepara? “Tenho a impressão de que se prepara vivendo”, ela pensa, e assim ela vive. Sem contar todos aqueles que pedem a sua ajuda, orientandos, amigos, parentes, prefeituráveis recentemente cleitos...(Vivas a Luizianne!)

Mas talvez quem mais tenha pedido a ajuda de Glória na resolução dos problemas tenha sido a própria cidade de Fortaleza. Glória estudou a cidade, traçou mapas, cartografias, ou melhor, estudou os cidadãos — e quem eram eles? Eram justamente aqueles que não tinham lugar na cidade, estavam excluídos da sociedade e, por isso, traçavam seu próprio trajeto nas brechas da marginalidade. Delimitando os “Itinerários de Corpos Juvenis” e a “Cartografia da Violência”, Glória imprimiu em livros o que a sociedade produz, mas esconde sob a lucrativa areia da praia, e que não vê, pois é míope: o seu próprio retrato. Ela bem que podia ser jornalista, mas não quer, prefere criticar a profissão.

Crítica os jornais, critica a Universidade, critica a “moral e os bons costumes” e critica a hipocrisia. Ela não tem medo de ser ela mesma nem de desagradar, pelo contrário, sente-se confortável e um pouco mais livre com a idéia de que não agrada a todos. Também não se preocupa se as coisas vão dar certo. Casou e descasou três vezes. Mudou de objeto de estudo e de ambiente, parece que ela se sente mais feliz no Enxame do que na Universidade, porque no enxame ela é mais ela.

O que deixa a todos intrigados é como pode ela estar satisfeita num mundo tão insatisfeito? Porque para ela o mundo também vale a pena. Além de transpirar, ela quer escrever sobre a alegria, transformar seu próprio sentimento em teoria. A Glória inquieta quer agora ser transdisciplinar, sim, porque na minha modesta opinião isso dá um bom pano pra manga para um pós-doutorado em Filosofia.

Ciro – Glória, durante a pré-entrevista você contou que a sua infância foi marcada por duas grandes rupturas, que foram as mudanças da sua família primeiro, da cidade do Rio de Janeiro para Russas (cidade do interior do Ceará, a 170 quilômetros da capital, Fortaleza), quando você tinha três anos, e depois de Russas para Maranguape (cidade situada na Região Metropolitana de Fortaleza), quando você tinha de oito para nove anos. Nós queríamos saber quais foram as alterações na sua visão de mundo que ocorreram nesta época e influenciaram a sua personalidade até os dias de hoje.

Glória Diógenes – Não sei dizer de uma forma linear no que isso pode ter influenciado não, mas eu acho que tem mais coisas aí dentro. Por exemplo, quando eu vim do Rio de Janeiro direto para Russas, eu morava em Copacabana (bairro nobre do Rio de Janeiro). Meu avô (Aires dos Santos Oliveira), dono de uma confeitaria, era português e a confeitaria era daquelas que juntam todo mundo, que é meio que um bar, meio que uma padaria, tudo junto, e o povo português é festeiro. Então era um lugar que passava muita gente de todo lugar da Europa. Tinha luz, tinha parque...

Aí, eu vou morar em Russas, que não tinha luz e era tudo muito diferente, né? A mamãe (Suely Diógenes) era carioca de escola de samba, de terreiro de umbanda, e meu pai (Osmar Diógenes) é cearense, ela casou com um oligarca cearense. Meu pai era de Jaguaribe (cidade do interior do Ceará distante 300 quilômetros de Fortaleza), daque-

las tradicionais famílias. Então eu acho que a maior ruptura já aconteceu dentro de casa porque eram dois mundos.

Quando eu fui morar em Russas, o meu pai começou uma fazenda, não sei se era “Fazenda Cachoeirinha”, de um pessoal que eu assumi como sendo meus avós (Vovó Sinhá e vovô Bena, vaqueiros da fazenda do avô de Glória), meus tios também. Era na BR-116 (uma das principais rodovias federais que cruza boa parte do país, ligando Fortaleza a Porto Alegre, capital do Estado do Rio Gran-

“A mamãe era carioca de escola de samba (...), ela casou com um oligarca cearense. (...) a maior ruptura já aconteceu dentro de casa porque eram dois mundos.”

de do Sul), no caminho de Jaguaribara (cidade do interior do Ceará que em 2001 ‘desapareceu’ quando teve sua área tomada pelas águas do açude Castanhão. Sua população e suas instituições foram transferidas para uma cidade planejada próxima ao açude, chamado de Nova Jaguaribara, distante cerca de 250 quilômetros de Fortaleza). Eu comecei a passar de dois a três meses nessa fazenda. As férias de antigamente eram assim, a gente tinha três meses de férias, dezembro, janeiro e fevereiro. Quando as férias começavam a mamãe mandava a gente ir pra fazenda. Então eu saí de uma cidade que até pouco tempo tinha deixado de ser a capital do Brasil (Rio de Janeiro, capital federal até 1960), porque eu vim em 1962, para vir

para um “buraco”, só que isso foi uma descoberta para mim porque eu sempre viajei pro Rio, vivendo dois mundos. Eu tinha aquela coisa de gostar do mato.

O meu avô conviveu com o Lampião (Virgulino Ferreira da Silva, cangaceiro que durante as décadas de 1920 e 1930 percorreu diversos estados da região Nordeste com seu bando praticando ações fora-da-lei) e contava milhões de histórias. Ele era assim: sabe um contador de histórias que ficava na rede deitado num alpendre de sertão? Eu ficava coçando a cabeça dele e ele me contando história. A gente ia colher milho no sol (Glória quis dizer sob o sol, sem nenhuma proteção) com o lenço amarrado no cabelo, ia no curral tirar leite da vaca e buscar o jumento para tomar água no rio, enfim... Eu acho que essa possibilida-

de de transitar entre mundos tão diferentes sempre foi muito boa para mim. Eu acho que o que marcou a minha personalidade, talvez o que marca, é que eu sempre gosto de fazer coisas, às vezes, bem díspares, bem diferentes, que uma não tem nada a ver com a outra, que seriam improváveis que eu estivesse ali ou que eu gostasse daquilo que eu gosto. Eu hoje estava dizendo para uma amiga minha, ela disse: “Ai eu estou muito cansada, estou fazendo só o mestrado”. Aí eu disse para ela: “Eu nunca faço só uma coisa”. Então eu acho que me criei na diversidade, digamos assim.

Maria Rita – E quando você veio para Fortaleza você disse que achou a cidade estranha. O que você achou de estranho?



Entre os trechos mais comentados nas entrevistas, estão aqueles em que Glória diz não querer ser unanimidade e não se incomodar com isso.

Quase todos os estudantes concordaram que muitas vezes não queriam fazer perguntas para não atrapalhar as longas e belas respostas dadas por Glória.



Tendo sido a última entrevistada, Glória pôde contar com estudantes que estavam se sentindo bem mais seguros e confiantes para a realização dos trabalhos.

Glória – Primeiro eu achei Russas estranha. A minha mãe sofria muito por causa da estética, ela usava calças apertadas que se usavam nos anos sessenta, que eram “lascadas” aqui do lado (*aponta para a lateral de sua perna*) e ela ria muito, qualquer música que tocava ela já dançava e o povo achava estranho. Rir é muito estranho, uma mulher rir muito assim, expressar muito o que sente... Então eu achava o povo estranho porque lá em casa nós sempre fomos muito naturais, espontâneos, ninguém nunca teve lá em casa uma linha pedagógica não, todo mundo sempre disse o que sentiu, o que era, o que gostava, o que não gostava. E eu notava que as pessoas faziam muita “pose” (*Glória falou alguns nomes, mas pediu que não fossem citados*), era muita performance naquela idéia de que você tem que mostrar que é rico, que é educado... Lá em casa a gente dizia assim: “Ah, o papai está ‘aperreado’”, e todo mundo ficava olhando e dizendo: “Ai, não pode dizer isso”. Então eu acho que isso eu estranhei muito, muito mesmo, essa empáfia, né?

Cristina – Quando você morava em Russas não tinha luz, então você se lembra de alguma peculiaridade da vida lá sem a energia?

Glória – Eu me lembro, eu me lembro que na verdade a gente não tinha muito o que fazer. Por exemplo, não existia televisão, a primeira coisa. A primeira televisão que eu assisti foi em Fortaleza, começava às seis horas da noite e eu me lembro que era “O Zorro” (*personagem de ficção cujos seriados fizeram sucesso principalmente entre as décadas de 60 e 70. Seu intér-*

prete mais célebre foi o ator Guy Williams), ô meu Deus do céu, ele era muito lindo. Era uma coisa sentar na frente da televisão para ver “O Zorro” e o “Rin-tin-tin” (*seriado que tinha como protagonista um cachorro que acompanhava uma unidade da cavalaria dos Estados Unidos*). E lá não tinha isso. Eu morava vizinho a uma pensão que tinha um homossexual bem engraçado, como que um travesti mesmo. Naquela época isso era meio difícil e a gente brincava com ele. Ele cantava uma música assim... Eu acho que o

“Eu acho que o que marcou a minha personalidade, talvez o que marca, é que eu sempre gosto de fazer coisas, às vezes, bem díspares, bem diferentes (...)”

Ronaldo (*vira de costas, sorri e aponta para o professor da disciplina, Ronaldo Salgado*) se lembra: “Será que eu sou feia?”, e a música era: “Não é, não senhor”, mas a gente respondia: “É sim senhor!” (*refere-se à música “Garota Solitária”, composta pelo português Adelino Moreira*). A gente brincava muito de muitas coisas. Eu estava contando para o *Ciro (Câmara, estudante de jornalismo que fez a pré-entrevista com Glória)* que tinha um pipoqueiro que passava as cinco e meia e gritava assim: “Pipoca mineral de água e sal”, não tem nada a ver, mas aquele anúncio da pipoca e a hora da pipoca eram esperados. Aí a mamãe dizia assim: “Valha, essa menina é esquisita”, porque eu podia ter acabado de apanhar, a gente apanhava

nessa época, mas se eu via o pipoqueiro eu já corria atrás dele. Ele me dava uma pipoqueira e eu o acompanhava por uns dois quarteirões. Então tinha essa coisa lúdica de brincar na calçada, de brincar de boneca, de tanta coisa, que eu acho que hoje a falta de luz projetou outras luzes: as cadeiras todas na calçada, a radiadora, Altemar Dutra (*cantor romântico falecido em 1983*) eu sei de cor porque lá tocavam essas coisas todas.

Humberto – Durante a pré-entrevista você falou que o seu pai era uma figura mais “centrada” e a sua mãe era mais entusiasmada, tocava sanfona, como tem aqui na foto, (*aponta para foto da mãe de Glória ao lado da mesa onde se realizou a entrevista*) e você tinha medo de ser como a sua mãe, tinha “medo de ser ridícula”. Por que a semelhança com a sua mãe lhe angustiava?

Glória – Você sabe que o meu irmão Paulo (*Paulo Diógenes, um dos humoristas mais conhecidos do Ceará*) faz aquele personagem, a Raimundinha. A mamãe é a Raimundinha e a Raimundinha é a mamãe. Eu vou contar um fato: a mamãe era tão assim que a gente ia ao centro da cidade e ela tinha câibra no dedo do pé. Se ela tivesse câibra ela anunciava para o centro: “Ai, câibra! Puxa o dedo do meu pé!” (*risos*) Eu dizia: “Eu não acredito...”. Você imagina como era para uma adolescente ter de se abaixar e ficar puxando o dedo do pé da mãe? (*mais risos*) E ela dizia: “Vamos ao centro da cidade”. E eu dizia: “Eu vou, mas só se não tiver de puxar o dedo do pé”. E ela: “Ave que menina horrível”. Então a mamãe era aquela pessoa que

Foi durante a pergunta sobre como ficou o relacionamento de Glória com o pai após a aproximação dela com a esquerda que ela convidou os alunos para a merenda.

se alguém entrasse na frente dela numa fila ela puxava a pessoa e tomava satisfação.

Eu me lembro que eu fui comer uma pizza com ela e a pessoa pegou o pedaço de pizza e espremeu na chapa para esquentar. Ela se indignou, gritou, armou um barraco que você queria sumir. Até o Paulo sumia às vezes. Ela pegou uma briga num ônibus, numa fila de ônibus lá na praça Coração de Jesus (*no Centro de Fortaleza*) porque uma engraçadinha entrou na frente dela. Ela pegou um ônibus e eu peguei outro, porque ela ficou lá. Então ela era uma pessoa assim. E o papai era um filósofo caladão, era existencialista, gostava de música e tocava piano, e a mamãe chorava por tudo, se descabelava e depois ficava alegre, não tinha meios termos, brigava com o papai, fazia a mala e ia para a esquina e a gente tinha de ir lá, em frente ao

açougueiro, pedir: “Mamãe não faça isso não”. E ela: “Eu vou-me embora!” Sabe uma pessoa assim a vida inteira? Os filhos tinham que cuidar dela, porque ela dava trabalho mesmo. Dava muito trabalho! E eu fiquei com essa idéia de que eu tinha de cuidar dos meus irmãos porque ela sumia. (*Glória é a irmã mais velha em sua família. Depois dela vieram seus três irmãos: Paulo que tem 43 anos; Aires, hoje com 41 anos e André, com 40 anos.*)

Teve uma época em que ela disse que ia viajar, mas o papai disse que não tinha dinheiro, aí ela disse que ia se internar numa clínica de repouso em Fortaleza. Tu acredita que ela foi? Passou dois meses na clínica de repouso e dizia: “Melhor do que ficar em casa, com vocês todos me apherreando!” A mamãe era

completamente atípica, entendeu? Não era parecida com nenhuma mãe de nenhuma amiga minha e era muito estranha. Eu dizia assim: “Mamãe é semana de prova, eu preciso da sua ajuda”. E ela dizia: “Se virem, as minhas provas eu já fiz há muito tempo!” Isso na época era extremamente cortante, você não entende como uma pessoa pode agir desse jeito. Teve uma época em que o papai era deputado (*início da década de 1980*), os dois tinham vinte e dois anos de casados e ela disse: “Eu não quero mais não”.

“Eu podia ter acabado de apanhar (...), mas se eu via o pipoqueiro eu já corria atrás dele. Ele me dava uma pipoquinha e eu acompanhava ele (...).”

Deixou tudo, entregou o apartamento que ela tinha, deixou o emprego dela na prefeitura, se mandou e foi morar no Rio de Janeiro. Eu já era casada, ela levou quem quisesse ir com ela e ficou um tempão lá. Ela não tinha previsibilidade. O que todas as mulheres queriam, que era ser casada com um deputado, ela achava um saco, achava as mulheres da Jacarecanga (*na época bairro nobre de Fortaleza*) que faziam caridade um saco. Então eu acho que eu tinha medo de me parecer com ela. Depois eu descobri que não adiantava, eu era parecida com ela. Acho que rolou isso, uma síntese, do meu pai que gostava de coisas mais profundas, da alma, com ela, e foi misturando...

Maria Rita – *Esse medo era de parecer com ela ou era medo de uma auto-afirmação?*

Glória – Era de parecer com ela num momento em que você não sabe o que vai fazer com aquilo. Porque eu só sabia que eu não queria ser igual a ela. Ela não era modelo, ela não ficou feliz com o que ela fez, foi muito reprimida e isso fez com que ela “papocasse” muita coisa. Eu queria construir tudo isso, mas sem “papocar”, digamos assim, ou “papocar” aqui e acolá, mas como fosse possível e construindo algo. Então eu acho que eu tinha que saber aquilo que eu era no meio dessas pessoas tão fortes, porque a personalidade do papai é muito marcada (*mãos rentes ao rosto*) e a da mamãe também, então é difícil você se constituir como um outro “eu” no meio dessas pessoas tão fortes.

Karine – *Você disse que com o passar dos anos acabou não tendo medo de reprimir esse lado marcado pela personalidade da sua mãe, inclusive você bolou uma frase para simbolizar essa mudança, que era “não ter medo de parecer ridícula”. Em quais aspectos você se considera ridícula?*

Glória – Essa frase “sem medo de parecer ridícula”, eu criei durante uma campanha do Lula em 1989 (*campanha para a Presidência da República de 1989 na qual o slogan do candidato Luís Inácio Lula da Silva era “Sem medo de ser feliz”*) e pensei: “Valha eu posso pensar ‘Sem medo de ser ridícula’”. Eu achava que tudo que era excessivo poderia ser ridículo. Por exemplo, vamos pegar o caso das garotas quando eu era do tempo de vocês: você ia sair para dançar, se dançasse muito assim (*gesto de aproximação com as mãos*) era galinha, se danças-



Na varanda do apartamento de Glória, um cartaz de Luizianne Lins ainda contemplava a cidade, vinte e três dias após a vitória do petista na prefeitura de Fortaleza.

Na hora de transcrever as fitas, surpresa: um lado da fita do Humberto e outro do Ciro estavam totalmente desgravados. Felizmente, uma fita substituiu a outra.



Quando a entrevista terminou, Daniel percebeu a bela vista do pôr-do-sol que se tinha da varanda da cobertura de Glória e chamou todos para contemplar o momento.

se mais assim (*gesto de afastamento*) era uma moça direita, mas o limite entre as duas coisas era muito tênue. Então o que eu acho que aconteceu nesse tempo, é que parecer ridícula era parecer normal. Hoje eu acho que isso não é ridículo. O que eu acho ridículo hoje é o que é muito normatizado. Isso passa por às vezes parecer ridícula para algumas pessoas, mas sem me importar, porque quando você decide ser exatamente o que você quer ser, você assume um preço. Quando você assume o que você acredita estar predeterminado a ser, ou que está lá em você, você assume um certo preço, não é fácil. Ser intelectual é ser de um jeito. Ter 46 anos é ser de um jeito e você não é daquele jeito. Ser mãe é ser de um jeito e você não é bem daquele jeito. Esses papéis que você vai assumindo e que não são tão engessados também têm um preço. Mas isso eu acho tão normal já...

Fernando – *E você pagou algum preço?*

Glória – Paguei. Mas eu acho que só me dou conta quando alguém vem me dizer e eu prefiro que não me digam, porque eu não faço questão. Tipo assim, quando alguém fala: “Ah, me disseram que você é a doidinha das Ciências Sociais”. Aí eu respondo: “Ah é?”

Camila – *Então você não se importa?*

Glória – Não. De jeito nenhum. Me incomodou um tempo que foi exatamente o tempo de transição, quando, como todo mundo numa época da vida, eu queria ser um pouco unanimidade, agradar aos outros e não sair da linha, ser menos minha mãe. Mas quando você resolve assumir

uma série de coisas, você não vai mais agradar a todo mundo, não é óbvio? É óbvio. E aí, quando você assume uma singularidade obviamente que você cria um divisor de águas. Algumas pessoas vão achar legal, outras não, e assim é a vida. Por isso, quando eu digo que não quero saber, eu quero saber sim, é claro, mas daqueles que me importam saber. Os que me acham doidinha não me importam. Eu me lembro que quando eu estava apoiando a Luizianne (*Lins, candidata do Partido dos Trabalhadores vencedora das*

“Eu dizia assim: “Mamãe é semana de prova, eu preciso da sua ajuda”. E ela dizia: “Se virem, as minhas provas eu já fiz há muito tempo!””

eleições para a Prefeitura de Fortaleza em 2004), chegou uma pessoa para mim, de uma forma patética, num teatro e disse assim: “Você vai apoiar o Inácio, né?” (*Inácio Arruda, deputado federal pelo Partido Comunista do Brasil, Pcdob, também foi candidato à prefeitura*) Aí eu disse que não, que eu estava apoiando a Luizianne, e ela disse: “Ah, você tá apoiando a doidinha?” Vocês estão entendendo que a “doidinha” serve para tudo o que não era para ser? Não era para se candidatar, não era para ser assim, então alguém que diz isso não me interessa, porque não há diálogo. Alguém que chega e me detona eu vou escutar, mas eu não importo com estereótipos. Não me importa esse tipo de coisa, porque não vai mudar nada.

Maria Rita – Outra coisa da sua personalidade é que você mesma disse que cuida muito das pessoas. Será que esse seu lado mãezona vem do fato da sua mãe falar para você cuidar dos seus irmãos e de você mesma?

Glória – Eu acho que sim. Mas eu acho que nasce também. Quando eu era pequena eu tinha um monte de bonecas, e eu fazia a cidade com as casinhas que as bonecas habitavam. Tinha todo um enredo entre as bonecas e os bonecos. Eu tinha que dar banho nos bonecos, tinha que trocar de roupa, me preocupava com a hora de dar comida para os bonecos. Então isso eu acho que nasce com a pessoa. São coisas intrínsecas, não dá pra explicar.

Ciro – *Essa coisa de cuidar dos seus irmãos você via como uma responsabilidade, uma coisa imposta?*

Glória – Algumas vezes sim, porque eu não estava preparada. Por exemplo, ensinar tarefas. Eu me lembro muito bem porque nenhum dos meus três irmãos gostam de estudar, nenhum deles fez faculdade. Vocês sabem como é “gastura”, né? Só o cearense sabe como é “gastura”, aquele calafrio. O Paulo tinha umas gasturas horríveis na hora da tarefa. Eles quebravam o lápis e lá eu ia fazer as pontas dos lápis, mas depois começava tudo de novo. Quer dizer, para mim, a pior parte era ter de ensinar tarefa. Mas a mamãe dizia: “É a sua obrigação”. Eu acho que a mamãe era muito folgada mesmo (*risos*). Até por ela eu me sentia responsável. Ela saía e dizia: “Cuide do seu pai...” Aí eu pensava: “Eu não vou casar”, mas não adiantou, tive quatro filhos, tenho

Enquanto todos assistiam maravilhados ao pôr-do-sol, Tarciana, emocionada com o fim do semestre e sensibilizada com a entrevista de Glória, chorou.

orientandos... Mas eu não sou fro não, é natural meu mesmo. Se eu notar que alguém que eu gosto está precisando de algo, é natural que eu faça. Não é nenhum sacrifício.

Cristina – Glória, você tem quatro filhos de três casamentos (*Glória teve Tiago e Davi com o primeiro marido, Everardo de Carvalho, Isadora com o segundo, Marcondes Benevides e Alexandre com o terceiro, João Alfredo*). A educação que você deu para cada um deles foi diferente de acordo com o pai?

Glória – Vai ser meio ridículo para os homens o que eu vou dizer agora: eu não me lembro desses “pais” mudando nada disso. Eu não me lembro, mas pode ser um ato falho meu. Eu me lembro de diferentes momentos da minha vida na relação com esses homens. Eu me lembro que eu mudei. A mãe do Tiago e do Davi não é a mesma mãe da Isadora e do Alexandre, são duas levas de mãe. Eles brigam, o Tiago e o Davi reclamam que eu não era do mesmo jeito com eles, e eu digo que eu não era realmente. E nem podia ser. Você imagina uma pessoa de vinte e poucos anos sem estar preparada? Eu chamo o Tiago várias vezes por “meu irmão”, eu digo assim: “Tiago, meu irmão...” Aí eu paro e não, não... Ele tem 25 anos e é muito senhor, é muito sério, ele sempre me vê assim: “Lá está a mamãe se empolgando”. Eu me lembro que a quinta vez que eu engravidei eu estava no Shopping Iguatemi (*O maior shopping center de Fortaleza*) com ele e eu ficava ligando para o laboratório para saber se estava grávida. Ele estava passado, pensando: “A mamãe

não vai estar grávida”, mas eu estava alegre e ele não acreditava, ficava perguntando: “Mamãe, você está feliz?”. Quer dizer, ele sempre foi meio que um freio, porque ele tem dois elementos “terra” (*refere-se à filosofia esotérica*) marcando a personalidade dele, ele é muito centrado, eu sempre tive ele como uma âncora. Ele foi meu projeto experimental de filho, furei a orelha dele e tudo... Um dia desse eu estava em Canoa Quebrada (*praia do litoral cearense a 156 quilômetros de Fortaleza, pertencente ao*

“Essa frase ‘sem medo de parecer ridícula’, eu criei durante uma campanha do Lula em 1989 (...) Eu achava que tudo que era excessivo poderia ser ridículo.”

município de Aracati) com ele e a mulher dele e fui comprar um anel, aí o vendedor me perguntou se o “meu marido” não queria um anel também, aí ele disse: “Eu não sou marido dela”. O Davi é mais diferente, mais brincalhão.

Daniel – Você disse que não tinha experiência, mas você já não tinha experiência de cuidar dos seus irmãos?

Glória – Eu digo experiência em outro sentido. Na primeira vez que ele vomitou, eu achava que quem vomitava morria. Aí eu liguei pro pai dele, que era médico do IJF (*O Instituto José Frota é o mais importante hospital de emergência de Fortaleza*), apavada dizendo que o menino estava morrendo. Morcego, eu tenho pavor a morcego! Um dia um morcego entrou no apartamento e eu fiquei está-

tica, e diziam que morcego transmitia raiva. Neste dia eu descobri que morcego é um rato de asas. Ele voava para perto do menino e eu pensava: “Ele vai acabar com o menino, mas eu não vou lá não” (*risos*), aí eu liguei pro IJF de novo pedindo pro Everardo correr que o morcego ia pegar o menino. Meu ex-marido sofreu muito também porque a gente não tinha maturidade, eu gostava de ser mãe, adorava amamentar, mas eu acho que eu era desajeitada. Eu era do Centro Acadêmico (*Batista Neto, de Ciências Sociais da Universidade Federal do Ceará*) e era o povo viajando e eu lavando fralda. Eu tive o Tiago com 20 anos. Nenhum filho meu foi planejado, mas foram todos muito bem vindos.

Juliana – *E o casamento foi planejado?*

Glória – Não, eu nunca planejei me casar. A minha irmã casou esse ano, desde janeiro ela sabia que ia casar. Isso me dá uma gastura igual à do meu irmão. Você imagina saber que vai casar desde janeiro e ficar se preparando? Eu acho bonito, eu sei que é uma coisa bonita, eu é que não funciono assim. Não sei se, combinando em dezembro para casar em janeiro, eu ainda iria querer casar.

Karine – *Mas você também disse (na pré-entrevista) que gostaria de casar e ficar até a velhice com alguém. Você acha bonito, mas acha que não é possível com você?*

Glória – Não sei, não aconteceu comigo. É que eu acho que a gente gosta muito das coisas “em tesc”. Eu gostaria de ter ficado com um homem que talvez tivesse se permitido mudar muitas vezes, viver, renascer, crescer...



Muitos ficaram com um nó na garganta para fazer o mesmo que Tarciana, mas preferiram abraçar a colega e demonstrar a emoção com muitas risadas.

A secretária de Glória, Neide, esteve presente na sala durante toda a entrevista. Isadora, filha de Glória, também apareceu por alguns instantes para atender ao telefone.



O computador pessoal de Glória Diógenes esteve ligado todo o tempo. Ela esperava um e-mail a ser enviado pela organização de um Congresso.

Camila – *Você gosta de coisas imediatas, de sempre viver o presente sem se preocupar com o futuro?*

Glória – É, não existe futuro para mim. A Neide (Eroneide Alves Silva Braz, amiga e secretária de Glória, que estava acompanhando a entrevista) sabe, se eu entrar no carro e for sair para me divertir, não sei pra onde eu vou, fico rodando de carro, né Neide? (pergunta para a amiga que acena afirmativamente). Até que uma hora eu sei. Para me divertir eu me dou o direito de não planejar. Não tem aquele filme “Easy Rider” (longa metragem de 1969, do diretor Dennis Hopper, que conta a história de dois jovens motoqueiros cruzando os Estados Unidos)? Pois é, eu adoro pegar o carro e não saber pra onde eu vou viajar, por exemplo. Quando eu vou escrever um livro eu não sei como vai ser. Às vezes eu começo e o começo vai ser o fim, ou jogo fora... eu não teria nunca o esqueleto de um livro pra escrever pré-formulado porque provavelmente não vai ser daquele jeito. Eu sou muito ligada no sentimento presente, eu vou num fluxo. A minha filha chegou pra mim me perguntando se eu não queria me casar e ter uma companhia para o futuro. Aí eu disse: “Isadora, uma companhia para o meu futuro é um monte de velhinhas animadas numa casa alugando um som e fazendo uma festa!” Pra que casar? Às vezes você se sente tão só acompanhado, ou tão pleno sozinho. Eu não penso no futuro nesse sentido, eu penso que de repente no futuro eu me arranjo, sei lá, eu dou um jeito...

Camila – *E no passado, você pensa?*

Glória – Eu acho que não, eu atualizo muito o passado. O passado é algo que se faz presente do modo como se faz presente.

Ciro – *Glória, no que esse traço tão forte, imediatista da tua personalidade já te prejudicou e te beneficiou?*

Glória – Não é imediatista, imediatista é ruim. Na verdade, embora eu não pense nem no futuro nem no passado, tem, naquele momento gestado, tudo isso. Tem o devir, o que eu gostaria de ser. Eu quero ter 75 anos e ter vitalidade, mas não quero par-

“Quando você assume o que você acredita estar predestinado a ser, ou que está lá em você, você assume um certo preço, não é fácil.”

cer nova. Eu detestaria ter 75 anos e parecer que tenho 30 com a cara toda esticada de plástica. Eu quero fazer yoga, respirar bem, subir numa bicicleta e sair, tomar banho de mar... Eu sei o que eu quero para o futuro. Para mim, imediatista é aquela pessoa que só está vendo o que está acontecendo. Para mim, dentro do que está acontecendo tem o mundo todo, tem eu todinha, tem os meus amigos, tem a minha ética, os meus valores... O que me prejudicou foi a minha maneira de dizer as coisas, eu era muito de dizer o que eu estava sentindo. Na verdade a minha personalidade quase não me prejudicou. Eu não tenho a idéia de que deveria ter feito uma coisa e não fiz, que deveria ter dito uma coisa e não disse, que deveria ter vivido e não vivi.

Não é que nada disso não tenha acontecido, é que eu não registro.

Maria Rita – *Muitas pessoas que te conhecem e a própria Neide falaram que você é uma pessoa muito forte. O ano de 1977 parece que foi muito difícil para você, quando você ingressou no curso de Ciências Sociais, seus pais se separaram e você perdeu um filho numa gestação aos nove meses. O que havia de forte em você que fez superar todos esses problemas? (Em 1977 Glória perdeu o que seria sua primeira filha, aos nove meses de gestação. Ela se chama Maria Raquel.)*

Glória – Eu não me acho forte. Estou me lembrando de uma entrevista, meio babaca, da Bruna Lombardi com a Fernanda Montenegro (atrizes brasileiras), em que a Fernanda dizia que todo dia se depa-
rava com a dimensão da morte, que era muito frágil, enquanto a Bruna Lombardi dizia, teimando, que ela era muito forte. Eu me acho muito frágil no seguinte sentido: é como se eu soubesse o tempo todo do caráter temporário, fragmentado, da minha pequenez diante do mundo. Tem horas que isso me assalta que eu só falto não me segurar de tanto que... Eu posso estar andando no carro e ouvir uma música que me toca muito e naquilo ali eu me dissolvo. Eu me dissolvo facilmente, digamos assim. E são sentimentos muito fortes, digamos assim, que me deixam muitas vezes sem chão, muitas vezes eu não tenho chão. Mas aí eu penso: “Glória, espera um pedacinho que passa”, ou então eu peço ajuda. Mas eu acho que sou forte talvez por encerrar tanto minhas fragilidades, por não ter problema em enca-

Na hora do lanche, Ronaldo aproveitou para dar um “tchau” para a sua namorada e professora de Comunicação, Márcia Vidal, que mora num condomínio próximo ao de Glória.

rar minhas fragilidades. Eu já tive problema, hoje eu não tenho não.

Maria Rita – *E o que foi o seu chão nessa época?*

Glória – Eu acho que nessa época meu chão foi ser a mulher mais banal do mundo. Como diz a Clarice (*Lispector, escritora nascida na Ucrânia e radicada no Brasil falecida em 1977*) eu fiz bolo, eu era normal. Eu entrei numa normalidade bem engraçada, não queria nada extraordinário. Foi a época em que eu me casei, perdi esse filho, vendia comida na Praça Portugal (a *Praça Portugal fica no bairro da Aldeota, área nobre de Fortaleza*) porque eu precisava sustentar minha família, tinha que fazer faculdade e estudar muito. Sabe aquela pessoa comum, que não quer nada de extraordinário, bem centrada, bem focada? Eu acho que sei fazer isso quando é preciso. Eu me lembro que eu era uma pessoa tão certa que eu tinha uma amiga que me chamava para ir paquerar no Iguatemi e eu achava aquilo horrível. Como ela era casada e paquerava? De qualquer modo eu sou muito inteira mesmo, ainda continuo assim, mas naquilo tinha uma coisa moral. Se eu estivesse parada no carro e tivesse uma pessoa olhando para mim, eu dizia: “Sou casada”. Eu vivi isso seis anos, de focar bem e ser bem estudiosa na faculdade, ser bem responsável, aliás, eu vivi muitos anos sendo extremamente responsável. Eu sou certinha demais com compromissos, horários, responsabilidades, tarefas. Se eu fizer um pacto com você eu cumpro e se eu não for cumprir eu digo, se eu tiver de escrever a tese de mestrado em três anos eu

escrevo em dois, porque eu faço as coisas com prazer. Se eu marcar com você às oito horas eu vou chegar às oito horas, ou então ligo para avisar que vou atrasar quinze minutos. Mas eu tenho uma extrema noção prática da vida. Sei exatamente o que tem aqui em casa, o que faltou, sei quanto eu ganho, quanto eu gasto, adoro sair, pagar coisas, mas eu sei exatamente o que eu estou fazendo com o meu dinheiro.

Ciro – *Glória, agora falando da sua vida como estudante. Você nos confidenciou*

“Alguém que chega e me deflora eu vou escutar, mas eu não importo com estereótipos. Não me importa esse tipo de coisa, porque não vai mudar nada.”

na pré-entrevista que escolheu a sociologia como uma maneira de continuar os estudos. Você gostava muito de ler e aprender, e a Sociologia serviu para você como uma maneira de conhecer o mundo. Mas por que justamente a sociologia, e não outras áreas de atuação que também poderiam possibilitar esse entendimento do mundo?

Glória – Como eu te disse, eu tinha um primo, que eu achava um charme, que estudava Sociologia. É engraçado como as coisas na minha vida são práticas mas o início delas se dá pelo ocasional. O meu primo sociólogo gostava de ler, eu via ele lendo direto, gostava de músicas muito boas e era o único primo diferente da família. Ele tinha uma aura diferente, tinha um despojamento, se vestia dife-

rente, e fugia o tempo todo com os livros dele para não ser pego pela repressão do golpe militar. Ele se escondia na minha casa, e eu ficava “brechando”, vendo aquele primo. Aí eu perguntava: “Papai o que é esse meu primo, qual a profissão dele?” Aí ele respondia: “Não, não é profissão não, é sociólogo” (*risos*). O papai era de direita, para ele, sociólogo naquele tempo só servia para denunciar, era algo bem panfletário. Aí eu pensava: “Eu quero ser isso”. Quer dizer, eu juntei algo de querer estudar com algo de querer ser diferente, não ser igual a todos. Eu era a mais estudiosa entre as primas, sempre passei por média, era considerada gênio sem ser, porque tirava notas boas e dava raiva nos outros porque o pessoal se matava. Todo mundo esperava que eu fosse ser a médica da família, a pessoa mais importante, então, quando eu resolvi fazer Sociologia, o pessoal me achou uma doida, por passar a vida toda estudando para fazer Sociologia. Eu acho que foi por isso, por causa do meu primo, do modelo de ser gente que foi o único que encontrei que era diferente e porque ele estudava muito e ouvia muita música.

Karine – *Glória, você antes de entrar na Sociologia já lia muito, inclusive os filósofos Karl Marx e (Friedrich) Engels. (Pensadores alemães que elaboraram a teoria do capital, e revolucionaram o pensamento sociológico com sua doutrina comunista) Como você teve acesso a essas leituras e passou a gostar tendo um pai pertencente a um partido de direita, o Arena? (Aliança Renovadora Nacional, partido de situação do regime*



Da cobertura da socióloga, pode-se olhar os quatro cantos da cidade. De um lado, os prédios altos da área nobre. Do outro, as áreas de risco em torno do Rio Cocó.

Na hora da merenda, torradas com patê de frango e de ervas, refrigerantes e um vinho seco foram à mesa. Maria Rita achou uma cachaça disponível, mas ficou só na vontade.



A sugestão da entrevistada de uma pausa para a merenda deixou a equipe de produção atônita. O medo era de que o ritmo da entrevista se perdesse.

militar que, juntamente com o partido de oposição o Movimento Democrático Brasileiro, MDB, foi criado em 1965 pelo Ato Institucional nº 2.)

Glória – Não. Eu acho que tenho de voltar. É porque teve o meu primo na época em que eu tinha entre 12 e 15 anos. Ele se casou com 19 ou 20 anos e foi terrível porque eu achava que iria casar com ele. Eu achava que ia casar com duas pessoas, a mamãe disse que quando eu tinha nove anos foi um cara lá em casa, me botou no colo, me disse que eu era lindinha, e eu pedi para ele casar comigo. (risos) Ele aceitou e eu registrei. Depois eu fui ao casamento dele e foi uma tristeza, depois teve o casamento do meu primo.

Eu comecei a namorar com quinze anos com um cara que era considerado estranho. Eu o conheci num jogo de vôlei num sábado à tarde, vi aquele homem cabeludo, barbado com uma máquina fotográfica Nikon pendurada, e pensei: “Êpa, é esse”. Foi o meu primeiro marido. Ele fazia parte do movimento estudantil viajando escondido dos pais para levar documentos clandestinos (ele era de um grupo clandestino). Eu achava aquilo a coisa mais linda do mundo. A gente começou com quinze ou dezesseis anos, e ele me apresentou todo o tipo de literatura, Thomas Mann (escritor alemão prêmio Nobel de Literatura em 1929, falecido em 1955), James Joyce (irlandês considerado o maior escritor do século XX, falecido em 1941), Dostoiévski (Fiodor Dostoiévski, escritor russo que morreu em 1881, responsável por inúmeros clássicos da literatura moderna)... Ele

tinha um grupo literário, que era o Carlos Emílio (escritor cearense), Roberto Marcos, que está na Inglaterra e o Bérqson, que é um dançarino internacional. Eles faziam vídeo, eram videomakers experimentais e viviam ali pela Casa Amarela (Eusélio Oliveira, fundação cultural cinematográfica da UFC). A gente lia muito, comecei a ler Engels com 16 anos.

Quando entrei na faculdade já tinha lido muita coisa. Mas o meu período de 10 a 15 anos foi de literatura do Colégio Dorotéias (tradicio-

“A mãe do Tiago e do Davi não é a mesma mãe da Isadora e do Alexandre, são duas levas de mãe. (...) o Tiago e o Davi reclamam que eu não era do mesmo jeito com eles (...) E nem podia ser.”

nal escola católica de Fortaleza), de literatura brasileira, Veríssimo (Érico Veríssimo, escritor, autor de “Incidente em Antares”), Machado de Assis (escritor realista brasileiro, autor de “Dom Casmurro” e primeiro presidente da Academia Brasileira de Letras), poesia, mas é com o Everardo (primeiro marido da Glória) que começa um período de leituras mais eruditas, contemporâneas.

Humberto – Você diz que na faculdade você foi autodidata. Mas o que foi que a Universidade ensinou sem ter sido por você mesma?

Glória – Eu realmente acho muito pouco a Universidade em si. A sala de aula é muito pouco. Eu sei que é ruim eu estar dizendo isso, porque sou professora, mas eu sempre achei que uma aula de

Sociologia restrita à sala de aula matava o que eu entendia como sendo Sociologia. Porque para mim matava a idéia do que era a alma das Ciências Sociais: era o mundo. Mas não havia articulação com o mundo. Eu me lembro que tinha um professor que cochilava na própria aula, que eu não posso dizer o nome. Ele dava aula e quando a gente notava ele estava cochilando. Sabe aquela sala que tinha lá perto das torres daquele pátio (pergunta ela para o Ronaldo)? Duas horas da tarde a criatura cochilava. Era o tempo em que a Sociologia era muito teórica. Eu entrei em 1977, no período da abertura política, a idéia era ler Marx para recuperar o tempo perdido, era uma época muito conceitual, de muito conhecimento frio, posso dizer assim.

E aí o que me alegrou, que eu gostaria de registrar aqui foi o Nepes (Núcleo de Estudos e Pesquisa, do curso de Ciências Sociais), o Núcleo de Pesquisa com o André e a Teresa Haguette (André Haguette, Ph.D. em Sociologia, professor titular de Sociologia na Universidade Federal do Ceará, autor de livros e artigos sobre Sociologia, Educação e Filosofia. Teresa Haguette, sua falecida esposa, professora de Sociologia na mesma universidade). Eu aprendi muito mesmo, entrei lá e a Teresa já me confiou coordenar pesquisas. Eu escrevi um livro bem novinha por estímulo dela. A Teresa Haguette já morreu, ela era muito de verdade e muita gente tinha dificuldade de lidar com ela, mas comigo ela era ótima, eu dizia tudo para ela e ela dizia tudo para mim. Ela foi uma grande mestra para

O professor Ronaldo, na hora da dúvida entre pausar ou não a entrevista, fez como sempre faz durante as entrevistas, fingiu que ninguém estava olhando para ele.

mim, eu sentia vida nela, autenticidade, ela não era aquela pessoa que você já sabia o que ia fazer não. Ela era imprevisível.

Marcos – *Glória você leva esse seu temperamento intempestivo e essa sua visão mais prática da Sociologia para a sala de aula?*

Glória – Levo sim. Não sei se os alunos gostam, mas eu levo (*risos*). Eu nunca dou uma disciplina só prática. Por exemplo, na turma de Educação Física da disciplina de Introdução à Sociologia, eu fiz um programa todo ligado para o corpo, sendo o corpo um código social, um signo. E eles foram para a praça José de Alencar (*a Praça José de Alencar é uma das maiores e mais antigas praças do centro de Fortaleza*) estudar os vários corpos, como era o corpo do policial, da cafezeira, do camelô, do morador de rua, e o que esses corpos dizem do mundo em que eles vivem. Depois nós fizemos um seminário com a pesquisa que eles fizeram em quatro meses com esses personagens, a prostituta, o quebra coco... Tanto é que três anos depois eu encontrei esses alunos eles me falaram que apresentavam estes trabalhos em Congressos e o trabalho ainda servia, porque a gente viu Semiótica, Antropologia da Comunicação Visual e vimos Lebreton (*David Lebreton, especialista francês sobre o corpo*), que é Antropologia do Corpo. Eu sempre tento fazer um diálogo entre a área em que eu estou com a área que eu já sou, e com alguma atividade de pesquisa.

Paulo Jr. – *O que te fez voltar para a universidade como professora, já que você achava que a sala de aula,*

pelo menos enquanto você estudava na universidade não era o que você entendia por Sociologia em completo?

Glória – Porque eu sou contraditória mesmo, viu? Eu gosto de ser professora, sempre gostei. Eu acho que eu nasci para isso. Quando eu disse que ia para essa fazenda, Cachoeirinha, eu juntava até carneiro para dar aula. Não tinha um número de alunos suficientes para dar aula, aí eu colocava o meu irmão, um menino, um carneirinho... Vocês me perdoam, né? Eu era pequena, devia ter uns sete ou

“Para me divertir eu me dou o direito de não planejar. (...) eu adoro pegar o carro e não saber pra onde eu vou viajar, por exemplo.”

oito anos... (*risos*) Mas era algo que eu gostava muito, muito mesmo. Sabe assim, de ir lá para o curral para ficar conversando com o vaqueiro e perguntando tudo. Era essa coisa de pesquisadora também. O vaqueiro dizia assim: “Ave Maria, minha filha eu estou cansado de responder a essas suas perguntas. Tira essa menina daqui!” (*risos*) Porque eu perguntava do chifre, porque a vaca ficava tão parada? Porque eu achava que o cabrito se mexia muito e a vaca ficava muito parada...então eu sempre gostei de dar aula...

Camila – *Você sempre foi muito curiosa?*

Glória – Curiosíssima. Pronto, uma coisa que me dá problema é curiosidade. Se você disser que vai me contar uma coisa, mas só vai me dizer no outro dia, eu vou lhe

crucificar. Às vezes eu me dei mal por causa da curiosidade, do tipo, pagar para ver.

Juliana – *E você com essa curiosidade já teve vontade de ser jornalista?*

Glória – Não. Eu vou dizer por quê. Porque eu acho que o jornalista consegue um bocado de coisas e na hora de escrever não escreve quase nada e eu acho isso o fim (*risos*). Isso para mim é sempre um coito interrompido, um prazer que você pensa que vai e não vai. Eu vejo isso. Os jornalistas que vêm me entrevistar anotam tanta coisa, aí no final ligam para mim e me pedem desculpa porque a matéria teve de sair bem pequenininha, por causa do espaço no jornal e tal... Eu já dei aula na Comunicação Social e sei que é assim. Mas eu gosto de lugares em que eu possa me espalhar, de fazer coisas que eu possa me espalhar. Se eu fosse jornalista eu morria de tédio (*risos*), por estar sempre me espremendo. Aí eu seria uma jornalista de guerra. Não, estou brincando, mas de algo que eu pudesse fazer umas matérias assim como a Ariadne (*Araújo*) faz, ou como a Eleuda de Carvalho (*ambas são jornalistas do O Povo, jornal de grande circulação em Fortaleza*), essas coisas assim do cotidiano. Eu acho que não existe notícia, não existe fato, começa por aí, eu iria querer escrever diferente e o meu editor ia me botar para fora do jornal.

Fernando – *Você fala que a Sociologia era mais teórica, sem ligação com o mundo e então você não tinha muito interesse porque você não tinha como intervir naquilo. Qual você acha que é a função da Sociologia?*



Apesar de na produção a recente morte de sua mãe ter sido apurada como um fato que a abateu bastante, Glória não hesitou em contar histórias engraçadas sobre sua mãe.

Depois da entrevista, no carro de Cristina, ela, Maria Rita, Tarciana, Karine e Camila não conseguiam conter a emoção que fluiu até depois da entrevista.



A cada pergunta, Glória sorria para os demais, e, nas respostas, buscava ajuda de todos ao seu redor para buscar as palavras. Era um diálogo coletivo.

Glória – Ela tem a mesma função de todas as áreas das Ciências Humanas, que é não esquecer que o mundo existe. (*ri e diz estar brincando*) Para mim, os conceitos são coisas vivas, eles são vivos. Uma coisa que o Marx tem de legal é que ele disse que o conceito é o concreto pensado. Então ele foi pensado em cima de uma situação concreta. Não se deve nunca esquecer que o conceito é algo vivo, ele pulsa, né? Se você pega um conceito, se ele tem vida, quando você vai ler algo que ta pesquisando, ele não é o mesmo conceito porque o que você está pesquisando também tem vida. Quando você vai ler algo que está pesquisando, ele não é o mesmo conceito, porque o que você está pesquisando também tem vida. Então o conceito sempre deve sofrer uma metamorfose à luz do que você está pesquisando e não ficar preso. Eu quero dizer que eu leio muito, gosto muito de saber como é que são os sistemas de pensamento, esquemas conceituais de pensamento, lógicas de pensamento, mas entro nelas e saio, e levo o que eu acho que é interessante para mim. Então eu não sou nem deleuzeana, nem marxista, nem bourdieudiana, nem dessas linhas, foucaultiana... (*Glória se refere aos estudos dos filósofos Gilles Deleuze, Karl Marx, Pierre Bourdieu e Michel Foucault*). Eu não gosto disso.

Uma coisa bacana, se você puderem ler, o Edgar Morin (*filósofo francês*), no que ele fala da idéia de complexidade. Ele diz assim, que, quando muito, a gente pensa dialeticamente, a luta dos contrários. Você acha que precisa pensar o novo e o velho jun-

tos, mas é mais complexo. Ele diz que se deve imaginar um polvo, que todo fenômeno é como um polvo, não é só a luta dos contrários, são vários braços. O bom pesquisador, o bom cientista social tem de ter um olhar complexo, nesse sentido qualquer conceito é matéria-prima, é alicerce, é algo que vai ter de ser transformado. Eu não gosto é da idéia de um conceito duro, de uma aula dura, que não dialogue com o mundo, eu não me entusiasmo. Não acho certo nem errado, mas eu, Glória, não me entusiasmo. Mas de repente outras

“Eu quero ter 75 anos e ter vitalidade, mas não quero parecer nova. Eu detestaria ter 75 anos e parecer que tenho 30 com a cara toda esticada de plástica.”

peças se entusiasmam, uma pessoa pode não gostar da minha aula por ser assim, tudo bem, né? Tem gente que quer ficar no conceito, dissecando o conceito pelo conceito, o autor pelo autor, é uma forma de ver o mundo, de querer estudar. Não é a minha...

Juliana – *Quais são os teóricos da Sociologia que você tem mais afinidade?*

Glória – Vai mudando. Nos últimos tempos eu tenho lido Michel de Certeau, “A invenção do cotidiano”, (*Glória se refere ao livro do sociólogo francês Michel de Certeau*) que eu gosto muito. O Foucault eu sempre gostei, muito mesmo. Massimo Canevacci (*filósofo italiano, professor de Sociologia da Universidade de Roma*), que escreveu “Antropologia da Comunicação Visual”, Deleu-

ze eu também tenho lido muito ultimamente. Eu leio Deleuze, mas tenho resistência aos deleuzeanos, como tenho aos marxistas e como tenho aos foucaultianos. Adoro Bob Marley (*nome artístico do músico jamaicano Robert Nesta Marley, um dos maiores difusores da Reggae Music*), mas tenho problema com os reggaeiros. Ou com quem gosta só disso ou daquilo.

Juliana – *Por causa dos estereótipos?*

Glória – É dos estereótipos? Então, eu gosto de Deleuze, mas leio Deleuze ao meu modo. O meu último livro pode ser pensado assim, como um diálogo com a filosofia. E tem os brasileiros, O Pcter Paul Pelparc (*Pal Pelparc, filósofo deleuzeano da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo*), e as pessoas que trabalham a subjetividade na PUC, a Sueli

Rolnik, (*psicanalista e filósofa*) a Rosa Dias (*Rosa Dias, filósofa deleuzeana*) que apresentou agora num seminário um texto sobre o Pixinguinha (*flautista, saxofonista, compositor, cantor, arranjador e regente, um dos maiores nomes do samba e do choro*) a Maria Cristina Ferraz (*mestre em Literatura Brasileira, doutora em Filosofia pela Universidade de Paris I e professora titular da Universidade Federal Fluminense*), um pessoal que está no limite entre a Sociologia e o campo de produção da subjetividade

Karine – *Quais são os sociólogos do Ceará que você admira?*

Glória – Entre os vários, eu gostaria de sublinhar a Irllys Barreira (*professora de Sociologia da UFC*), que foi minha orientadora no mestrado

Na avaliação da entrevista, um dos pontos mais mencionados era sobre como Glória Diógenes olhava nos olhos na hora em que respondia às perguntas.

e no doutorado. Eu tenho uma profunda admiração por ela de um modo simbólico. Portanto, eu gostaria, em nome dos demais, de ressaltar a Irllys Barreira.

Tarciana – *E quais foram as suas primeiras experiências como pesquisadora?*

Glória – A minha primeira experiência como pesquisadora foi muito boa. Foi com a Teresa Haguette, que me pediu para fazer algo que eu nunca esperaria. Era uma pesquisa com as parteiras caximbeiras. A Fundação Kelle, junto com a Maternidade Escola (*Assis Chateaubriand, unidade de saúde de Fortaleza, vinculada à UFC*), estava tentando difundir junto às caximbeiras novas técnicas obstétricas, mas elas resistiam a fazer parto de modo diferente. Então eu fui fazer um trabalho etnográfico, inclusive nunca foi publicado e eu quero muito publicar isso um dia, porque tem todo o processo de parto: todas as mezinhas, as superstições... Eu fui estudar qual era o impacto das novas técnicas obstétricas no trabalho das parteiras lá de Guaiúba e Pacatuba (*idades da Região Metropolitana de Fortaleza*). Esse foi o primeiro trabalho que eu fiz e amei. Eu ficava horas com essas parteiras. Elas diziam assim: “Eu não escolhi ser parteira, foi invocação de Deus, veio num sonho. Médico não, ele decide, mas parteira não, Deus invoca”. Eu estava me formando, foi minha monografia.

Humberto – *Quando você entrou na Sociologia, você achava que tinha futuro profissional ou concordava com o seu pai?*

Glória – Eu sou otimista. Eu sempre acho que tem futu-

ro em tudo. Tenho a idéia de que as coisas sempre dão certo quando você quer muito. Isso vem desde a infância, com aquela coisa meio ridícula do “jogo do contente”. Primeiro, eu não me preocupo se as coisas vão dar certo, eu faço. Eu gostava tanto de fazer Ciências Sociais que eu sabia que ia dar certo, talvez seja porque fosse um tempo em que as coisas eram mais fáceis de dar certo, era mais fácil arranjar emprego. O papai era deputado quando eu me formei e ele me deu uma diretoria da Assembléia Legislativa. Naque-

“Eu me acho muito frágil no seguinte sentido: é como se eu soubesse o tempo todo do caráter temporário, fragmentado, da minha pequenez diante do mundo.”

la época eu não precisava ir muito, mas eu cheguei lá e quis criar duas coisas: uma era um debate discutindo temas emergentes, ficava com os deputados, com a Maria Luiza (*Fontenele, ex-prefeita de Fortaleza, professora aposentada da UFC e membro do grupo Crítica Radical*) discutindo os temas; e o outro era um dicionário biográfico dos ex-parlamentares. Eu descobri que tinham queimado vários anais da Assembléia e mais outras coisas. Aí o meu pai me disse para me aquietar, que eu não precisava servir não. Depois eu fui para Quixadá (*cidade do sertão central do Ceará, localizada a 170 quilômetros de Fortaleza*) para dar aula. Eu tinha um cargo de confiança na Assembléia e não precisaria dar aula em Quixadá, poderia ter ficado à

disposição. Mas eu não gostava. Entreguei o cargo, o que para mim foi uma libertação. Todo mundo me achou louca, né? Como é que se troca dois salários para dar aula em Quixadá pegando ônibus? Eu passei seis anos dando aula em Quixadá, pensava que voltaria rápido, mas fiquei seis anos.

Ciro – *E essa sua experiência como professora na UECE (Universidade Estadual do Ceará), no que foi importante na sua maneira de ser como professora?*

Glória – Eu dava a disciplina de metodologia do trabalho científico nos cursos de História e Pedagogia. Foi bom, a única coisa ruim é que eu tinha de deixar meus filhos aqui e ter duas vidas porque eu ia e voltava, não morava lá. Mas dar aula no interior é muito legal. Em 1983 existia algo de idílico em volta do professor, eu recebia pamonha, feijãozinho, davam muito valor à sala de aula. Eles diziam: “A professora chegou”. A aula para eles era algo sagrado, compartilhado, compactado. E como aquela era a primeira turma da faculdade os alunos eram pessoas que há muito tempo esperavam uma faculdade, professores de primeiro grau, gente quinze anos mais velha do que eu. Eram pessoas hospitaleiras e muito boas. Eu me sentia acolhida. Eu e o Luís Osvaldo, que era diretor e hoje é presidente do Banco do Brasil, pintávamos o sete. Nós fazíamos um monte de trabalhos, inventávamos vários seminários. Eu gostava muito de dar aula em Quixadá porque aquela cidade tem uma mística, quando eu chegava lá eu já esquecia que tinha vindo de Fortaleza, levava jogo e



Sem parar quieta, Glória fez três desenhos: um polvo, um círculo cheio de traços e um círculo semelhante, rodeado de setas, com outro círculo em volta.

Elogiando a equipe, Glória disse ainda que se existissem muitos Ronaldinhos — apelido do professor e criador da Revista Entrevista — viveria na Universidade.



Ao final houve uma salva de palmas. Durante a pós-produção, ela confidenciou a Ciro que aquela tinha sido a melhor entrevista que já tinha concedido.

fito para ouvir música. Eu não ficava pensando que deveria estar em Fortaleza. Até teve um episódio que foi assim: o ônibus da Redenção (*empresa rodoviária que realiza o trajeto Fortaleza-Quixadá*) dava prego direto, a cadeira era quebrada, e um dia o ônibus deu prego e já eram seis e pouco, a nossa aula era às seis e meia. A gente desceu um açude lindo, eu vi uma Lua e fiquei dizendo: “Que sorte!” O povo que vinha comigo queria me trucidar. Mas eu fiquei feliz porque já que a gente tinha de dar prego, que desse prego num lugar bonito. Aí me apelidaram de “mulher de sorte”. Então quando acontecia uma desgraça o povo falava: “E aí, mulher de sorte?” Dar aula em Quixadá, embora tenha sido difícil operacionalmente, com riscos na estrada, teve até uma amiga minha que morreu nessa estrada, a Verônica, foi um período muito rico.

Humberto – *Você já teve dificuldades em dar aula para alguém? Alguém não quis tolar como professora?*

Glória – Já tive dificuldades. Uma vez, há quatro anos atrás, eu estava fazendo a campanha do Inácio, estava muito cheia e peguei um curso de metodologia do trabalho científico para mestrado. Tinha uma pessoa particularmente que era do contra, que tudo que os outros estavam falando ela ficava com aquela cara de negação. Eu soube que, quando os alunos iam para o bar, ela ficava falando mal de mim, dizendo para os outros que eu ia dar isso e dei aquilo, que eu era isso e aquilo. As pessoas vieram me contar e eu perguntei na sala de aula se alguém tinha algum problema comigo. Aí ela

disse assim: “Mas você se importa com isso? Os outros professores não se importam. Você não acha que está sendo superior?” Eu disse que não, que ela estava enganada e que eu me importava sim, que me importava por não estar dizendo para mim, e que quem estivesse insatisfeito que me dissesse. Foi muito difícil esse semestre. Esta pessoa se aliou a uma outra que gostava de conceitos, que queria que eu dissesse como se fazer um projeto como quem dá uma receita de bolo. Não foi a turma toda, mas esse semestre foi difícil, apesar de

“O papai era de direita, para ele, sociólogo naquele tempo só servia para denunciar, era algo bem panfletário. Aí eu pensava: “Eu quero ser isso”.”

ter quatro orientandos meus. Talvez até por um momento meu, fazendo a campanha do Inácio, fazendo várias pesquisas, porque dessa vez eu tirei licença, correndo muito, não chegava tranqüila na sala de aula, já chegava culpada por estar atrasada...

Humberto – *E o aluno que ficava de costas para a senhora na hora da aula?*

Glória – Não, mas aquilo ali era ótimo. Ali era um menino. Foi em 1990. Ele não fazia só comigo, ele era do movimento anarquista e decidiu cursar a Universidade de costas. E aí a professora Adelaide (*Gonçalves, professora do Departamento de História da UFC*) se desesperava, os professores se desesperavam e eu perguntei: “O que ele faz de costas?” Ele não fazia nada, e eu achei isso o míni-

mo. Eu fazia chamada e ele respondia, até que um dia ele disse que ia fazer uma representação de tipos ideológicos para dizer que não havia só uma ideologia. Ele queria fazer o Hitler (*ditador nazista que liderou a Alemanha entre os anos de 1933 e 1945*) e então eu pensei: “Ele vai ficar de frente”, e ele ficou. A reação da turma foi engraçada, até meio babaca, as pessoas ficavam: “Aí que bom que ele decidiu ficar de frente...” Nessa época ele começou a ficar de frente e a ajudar na sala. Foi isso, mas eu não me incomo-

do com aluno trabalhoso. O Leo, um altinho de cavanhaque que terminou Letras, o Leonardo (*Zingano, estudante de Letras da UFC*) quase todo mundo conhece ele nessa cidade, acho que ele toca também. Eu dava aula na Letras, e o Leo foi um aluno que eu gostava muito e fui pegá-lo no pátio. Eu desci lá nas Casas de Cultura (*Casas de Cultura da UFC são escolas de línguas de francês, italiano, inglês, alemão e espanhol*) e pedi: “Leo, volta para a sala, tu é tão massa, vai fazer a maior falta”. A gente morre de rir quando se lembra disso porque foi o único aluno que eu fui buscar. Porque valia a pena. Então isso não me incomoda. Aluno transgressor, trabalho, do contra no sentido de que ele, no fundo, resiste a um processo institucional, esse aluno me atrai, é um desafio para mim. Não se trata daquele caso, aquele caso é outro caso.

Ciro – *Glória, como surgiu seu interesse pelos estudos da violência?*

Glória – Também tudo muito ocasional, né? Eu não trabalhava essa temática. Na época em que eu trabalhava

Na pergunta de Daniel sobre a epígrafe do seu livro, Glória olhou para todos antes de responder. Por vezes, olhava para o vazio e depois “despejava” tudo.

produção de imagem do governo Tasso/Ciro, (*Tasso Ribeiro Jereissati, senador da República e ex-governador do Ceará por três vezes, entre os anos de 1987 e 2002. Ciro Ferreira Gomes foi governador entre os anos de 1991 e 1994, atualmente é ministro da Integração Nacional*) e que eu comecei a trabalhar em 90 porque o João Alfredo foi candidato a governador e eu tinha que acompanhar a campanha dele, eu não queria ficar fazendo nada. Eu digo: "Olha, já que eu vou pros comícios do Ciro, vou ficar vendo de longe para analisar. Porque eu levava tudo isso para a campanha do João Alfredo. Se eu vou estar acompanhando a campanha do João Alfredo, do Paulo Lustosa, que eu também acompanhava, eu vou fazer um trabalho sobre isso". Só que eu me empolguei e passei três anos estudando a produção de imagem.

Aí quando foi em 93 a Secretaria de Ação Social me chamou para fazer uma pesquisa sobre meninos de rua. Aí eu disse que não podia, que não sabia, que não entendia, colocaram que seria por uma questão metodológica. Aí eu entrei, a pesquisa me impressionou muito. Falei até pro Ciro (*Câmara, um dos participantes da entrevista, autor da pergunta*) que tinha uma pergunta que era assim: "Você se sente mais mal-tratado na rua ou em casa?" Era um censo com os meninos de rua, 6300. Aí eles diziam... meninos e meninas em situação de rua que, naquela época, estavam há muito tempo na rua. E eles diziam que se sentiam mais mal-tratados em casa. Aquilo pra mim, sabe, assim, foi um... (*gesticula uma expressão de surpresa*) e dese-

nhos que eu pedi pra eles fazerem: da casa, a família, a rua e o futuro. Foi quando eu recebi um bocado de folha em branco do futuro. Eu fui puxada, e continuei. Mas eu acho que as coisas melhores da minha vida acontecem realmente por acaso. As mais densas, mais contínuas, mais sólidas aconteceram por acaso.

Maria Rita – *Glória você foi militante do movimento estudantil e foi vice-presidente do C.A. Por que a sua militância não continuou dentro da universidade, dentro do movimento docente?*

"Eu sei que é ruim eu estar dizendo isso, porque sou professora, mas eu sempre achei que uma aula de Sociologia restrita à sala de aula matava o que eu entendia como sendo Sociologia."

Glória – Eu acho que eu não fui, não posso dizer que eu fui militante, sabia? Eu fui vice-presidente do Centro Acadêmico e ajudei a construir, a criar com a Isabele (*Braz, professora das Ciências Sociais da UFC*), mas, assim, eles eram os principais, eles eram os líderes. A Isabele, o Estevão (*Arcaño, atualmente professor de Sociologia da UFC*). Porque eu tive filho logo e ficou complicado demais eu estar dentro do movimento estudantil, tendo que lavar louça. Não tinha máquina de lavar não, lavava roupa, né? Fazia comida, essas coisas todas. Eu levava o menino nas costas naquelas coisinhas que bota menino, e o menino ficava pelo Centro Acadêmico de mão em mão. Eu vi que estava difícil, equacionar, estacionar e fazer tudo isso aí.

Eu fiquei muito pouco tempo no Centro Acadêmico. Acho que eu não sou militante... (*pausa de alguns segundos*) sindical. Eu não gosto de militância sindical. Eu não gosto de militância institucional. Eu gosto de movimento social. Eu acho que eu sou uma militante do movimento social e não do movimento sindical.

Maria Rita – *Mas você é militante do PT.. (Glória é filiada ao PT desde 1988)*

Glória – Não, eu sou do PT, mas não sou militante partidária, nem militante sindical.

Maria Rita – *Mas o PT não influenciou nas suas pesquisas de campo?*

Glória – (*Gagueja*) Eu sou muito próxima do PT, né? Mas eu não diria que eu faço militância partidária, eu não estou dentro da máquina do partido, eu nunca fui delegada, eu não sou membro do diretório municipal, do diretório estadual, eu nunca quis ser. Não faço militância partidária, eu estou dentro, muito próxima. Eu sou do PT, eu sou filiada ao PT. Acabo muito próxima a tudo o que acontece no PT até porque eu casei com o João Alfredo, né? E isso marcou de 90 para cá a minha vida. Porque queira ou não estou próxima do PT. Ainda admiro muito e o João Alfredo é um grande deputado e um grande homem. Então isso está muito presente na minha vida.

Daniel – *Glória, quando você se filiou ao PT, como foi a relação com o seu pai, que era um cara de direita e até hoje ele trabalha com isso, ele é do PSDB (Partido da Social Democracia Brasileira), não é isso?*

Glória – É do PRP (*Partido Republicano Progressista*),



Glória estava bem vestida, com saia e blusa, ambos de tons azulados e esverdeados. O destaque da produção ficou mesmo com o decote.

Quando a entrevistada falou a palavra "cu", olhou para o gravador imediatamente fazendo uma cara de preocupada, o que levou todos às gargalhadas.



Sempre se voltando para cada autor das perguntas, Glória girava na cadeira rapidamente. Em determinado instante, ela simplesmente não parava mais.

um partido de linha auxiliar do PSDB.

Daniel – *E como é que foi essa relação em casa, como ficou o relacionamento com o seu pai depois que você...*

Glória – Depois vamos dar uma parada para podermos lanchar? Depois dessa pergunta do Daniel, está certo assim? Ou não pode?

Maria Rita – *Se todo mundo concordar...*

Glória – Só dez minutos! (risos)

Cristina – *O Ronaldinho é que dá o ...* (Professor Ronaldo Salgado)

Ronaldo Salgado – Pode parar! (risos)

Glória – (Respondendo a pergunta de Daniel) Menino, o papai é uma das pessoas mais lindas. Se vocês conhecessem... Vocês não conheceram o meu pai, ninguém aqui conheceu meu pai. Meu pai é um gentleman, um homem, sabe? Um refinamento do espírito, assim... Inigualável. Sempre papai foi um cara de direita, mas um déspota esclarecido, digamos assim. (ri sozinha) Um homem de uma abertura para o mundo muito grande, e ele toca, ele é filósofo, fez teatro, era estudante... Ele casou com a minha mãe, né? Casou com uma mulher que nenhum homem casaria e passaria vinte e dois anos casado. (risos) E ele casou, né? Ele casou três vezes, hoje ele é casado de novo, pela terceira vez, com uma mulher mais nova do que eu, bem mais nova. Ele é uma pessoa que se refaz sempre. Então, quando foi? Quando entrei no PT, ele sempre teve, assim, uma admiração pelo meu jeito, sabe? E foi descobrindo que eu é que era do jeito que ele queria que meus irmãos fossem. Ele tinha uma idéia de que

o Paulo ia ser o seguidor político dele. O Paulo foi ser humorista. O segundo trabalha com boate, é DJ (*Disc Joquey, pessoa que mixa músicas em festas*) não sei aonde, é virador, assim, administrou boates, é não sei o quê. O terceiro gosta de bicho, então só restou... Aí ele foi vendo que só tinha eu mesmo. A gente se aproximou, ele viu que eu lia o que ele lia, muita coisa que ele gostava de filosofia, os livros dele, eu gostava de ler. História do Ceará, sempre gostei de ler história de Fortaleza, história do Ceará, e, assim, o papai nunca se opôs

“Eu gosto de ser professora, sempre gostei. Eu acho que eu nasci para isso. Quando (...) ia pra essa fazenda, Cachoeirinha, eu juntava até carneiro para dar aula.”

não. Nem a casamento, a desfazer casamento. Só teve um dia que ele disse: “Minha filha, agora você tem que sair dessa cidade porque o mercado vai ficar saturado”. Ele brinca com a situação, entendeu? Ele hoje, não questiona nada da minha vida. É um respeito muito grande que eu tenho por ele e ele tem por mim. E somos confidentes. Se eu chegar numa festa ele já me chama: “Minha filha, vamos ali”. Todo mundo já morre de rir, aí vou para um cantinho com ele. É uma pessoa muito, muito, muito amiga, meu pai.

Ronaldo Salgado – *Dá um tempo aí, que ela quer mendar.*

Glória – Na verdade eu não merendo.

Cristina – (Após alguns minutos, a entrevista é retomada) *Falta só mais uma hora.*

Glória – Já sabem da minha vida mais do que eu, que eu nem me lembrava dessas coisas todas.

Ciro – *Ô Glória, então agora, falando um pouco da sua vida como professora, como foi que você sentiu que estava num momento ideal de colocar em prática os seus estudos acadêmicos?*

Glória – *Tu dizes no Exame?*

Ciro – *Não, nas pesquisas de rua mesmo.*

Glória – Mas é que desde que eu entrei na faculdade que eu fiz pesquisa. Antes mesmo dessa que eu falei do livro com a Tereza, eu tinha feito outra com ela que eram duas. Que era aquele livro que ela lançou, que era “Estratégia de sobrevivência”, eu pesquisei. Com a Beta Fiúza eu fiz uma pesquisa, eu fui pesquisadora da Beta (*Elizabeth Fiúza Aragão, professora de Sociologia da UECE*), num livro da Beta Fiúza. Fui pesquisadora de um trabalho que tinha sido feito pela Finep (*Financiadoras de Estudos e Projetos, sediada no Rio de Janeiro*) de identificação partidária. Quer dizer, que desde o começo eu me engajei logo. Eu era monitora, fui três vezes monitora, três semestres, e o resto dos semestres, todos eu era estagiária de pesquisa, então, assim, eu nunca só estudei, né?

Maria Rita – *E antes de você estudar a violência, estudos da juventude, qual era o seu objeto de interesse principal?*

Glória – Olha, eu diria que o meu objetivo principal é a cidade, tudo o que eu estudei tem a questão da cidade no meio. Eu fiz a monografia sobre as parteiras, que aí não tem nada a ver, vamos dizer assim,

Após o lanche, Glória bebeu, bem devagar, um pouco de vinho. Tratava-se de um Antucúrio da reserva especial de 2000: 11,8% de teor alcoólico.

com o que eu estudo hoje. Mas a partir daí, eu fiz minha tese de mestrado, que é (sobre) movimentos sociais urbanos, eu peguei o Lagamar (*bairro de Fortaleza com altos índices de violência e constantemente afetado nos períodos de chuvas*). Pegava muito essa relação da periferia com a cidade, essa questão da apartação social. Essas zonas de exclusão, de segregação urbana. Quando eu digo que gosto muito de De Certeau é porque ele tem uma idéia: Vocês da comunicação estudam De Certeau, não sei se vocês já viram esse autor, mas eu já vi aluno da Comunicação citando. É muito mais pelo plano da cultura, ele tem uma idéia de cidade praticada, que é uma cidade que nem é um ambiente físico só, nem o social está separado da cidade. Ele diz que existe uma cidade que é praticada, uma prática social.

Então ele vai estudar essas vivências cotidianas, como é que a cidade é vivida, é praticada, usufruída, digamos assim. Quando eu estudo jovem, eu estudo jovem na relação do corpo dele com a cidade. Dos itinerários dos corpos pela cidade, eu acho que a cidade é tudo. Não é palco para mim, é lugar de acontecimento, digamos assim, e eu diria que...eu viajo e cada viagem que eu faço eu presto muita atenção em cada cidade que eu vou. Eu passo o tempo todo observando. Então eu diria que eu sou uma antropóloga urbana, digamos assim.

Maria Rita – *Como você passou da cidade para violência?*

Glória – É porque está junto, né? Eu estudo violência urbana. Para mim, é como é que uma cidade é violenta nos

seus símbolos, na suas zonas de exclusão silenciosas. Uma vez eu estava no Iguatemi e me chamou a atenção um menino que entrou no Iguatemi em uma família toda arrumadinha, pobre, que tira aquelas roupinhas amassadas. E ele entrou na C&A (*loja de roupas que tem uma de suas filiais dentro do Shopping Iguatemi*), tentou calçar umas pantufas, aquelas de bichinho e um cara mandou ele soltar. Se fosse eu, que sou uma potencial consumidora, eu poderia experimentar, ele não, entende? Ali tem uma exclu-

“Tem gente que quer ficar no conceito, dissecando o conceito pelo conceito, o autor pelo autor, é uma forma de ver o mundo, de querer estudar. Não é a minha...”

são que não está clara, tipo assim, “você não é um potencial consumidor, você não deveria estar dentro do Iguatemi”. Mesmo que você não compre, você pode ir para o Iguatemi, mesmo que o Daniel não compre, porque ele é um potencial consumidor. Então eu comecei a perceber que essas zonas de segregação silenciosas, elas são as que calam mais fundo. Os meninos do Enxame se sentem super mal de ir ao Dragão do Mar (*Centro de Arte e Cultura localizado na Praia de Iracema, região boêmia de Fortaleza*), se sentem olhados, vistoriados. Porque nós podemos trafegar, de modo geral a cidade nos pertence. Mas a cidade não é de todo mundo, nem é a mesma.

Tarciana – *Glória, uma constatação sua é que a cida-*

de é partida. Agora, o recorte da sua pesquisa é no jovem. Então como é que este estudo do jovem possibilita compreender a cidade?

Glória – É que eu peguei, por exemplo, eu não pego a cidade em si, eu pego a cidade por uma lógica de movimento. Eu digo que os jovens carregam seus bairros, principalmente da periferia. Eles territorializam seus bairros em lugares diversos da cidade, quando eles saem de galera. Por exemplo, o pessoal da TUF (*Torcida Uniformizada do Fortaleza*), aí tem a ala da TUF, o núcleo da TUF no bairro tal. Então eles carregam para o estádio aquele lugar. Eles carregam para o baile funk aquele lugar. O que eu vou chamar de “territórios em movimento”. Eu digo que os territórios não são mais fixos, eles trafegam através dos corpos dos jovens. Então há um mapa

movediço da cidade, não visível, que não existe em nenhuma cartografia espacial, que ele é meio caleidoscópico, ele se organiza e se desorganiza a cada movimento. Então o que me interessa na cidade é lógica do movimento.

Você diz uma “cidade fantasma”, é uma cidade que não tem ninguém. Não existe cidade sem gente, nem é cidade, a gente já bota o rótulo: “cidade fantasma” porque não é mais cidade. Então, a cidade, na verdade, é uma projeção do social sobre o espaço, ela não está fora dessas redes de sociabilidade. Tem um livro belíssimo do Ítalo Calvino (*contista cubano que foi radicado na Itália, falecido em 1985*), “Cidades Invisíveis”, onde ele vai descrevendo várias cidades a partir do viajante Marco Pólo (*comerciante e*



Quando questionado sobre a responsabilidade para com trinta e cinco jovens, segurou os cabelos longamente e somente depois começou a responder.

Antes da primeira pergunta, feita por Ciro, Glória sorriu bastante. Em outro momento, cochichou com Maria Rita. Ela já conhecia os dois mesmo antes da produção.



Mesmo depois de dizer que não merenda, Glória girou o corpo várias vezes para olhar as torradas e dar uma beliscadinha, enquanto bebericava o vinho.

viajante italiano do século XIII, que escreveu suas aventuras e descobertas de outras civilizações fora da Europa). Como é que ele entra: cada cidade tem uma personalidade própria, tem uma aura própria, tem uma atmosfera própria, tem uma história própria. Se você entra em Santiago de Compostela (*cidade histórica do norte da Espanha, cujos caminhos atraem milhares de peregrinos religiosos*), você sente, não é? Os pubs (*bares europeus*) são assim...em porões, né? É uma cidade onde você sente aquele cheiro de incenso que os beneditinos usam. Sei lá. Eu amo isso, de perceber que a cidade é essa. Nós somos produzidos pelos lugares que ocupamos. Se você só frequenta o Hey Ho (*Rock Bar, localizado na Praia de Iracema especializado em Rock'n Roll music*), você é uma pessoa, se você vai para o Canto das Tribos (*estabelecimento também na Praia de Iracema especializado em reggae*), a sua estética... (*gesticula imitando o jeito dos reggaeiros*) Se você vai para a Morte do Capitalismo (*evento de protesto às eleições organizado pelo movimento Crítica Radical*) na Praça do Ferreira... (*ri contidamente*)

Marcos – Glória, você acredita que Fortaleza permite que se construam pessoas plurais nesse sentido de segregação? Você acha que tem pessoas que conseguem transitar da periferia para a zona nobre sem problemas, ou você acha que não existe isso em Fortaleza?

Glória – Eu já acho que existe um processo de “guetização”. Enclave, sabe? Por exemplo, o que eu acho que eu quero romper, o que

eu resisto: a idéia de gueto, mesmo eu tendo um amigo que diz assim: “Eu só gosto de gente moderna”. Você sabe um pessoal moderno, né? Eu não sei nem se eu sou, o que eu sou. Mas são aquelas pessoas que usam aqueles óculos... (*gesticula o formato dos óculos da moda de aros grossos*), eu não sei explicar, mas vão para as mesmas coisas que eu vou, eu só não tenho um tipo. Vão para os cinemas de arte, para as coisas “cult”, são as pessoas cult, digamos assim. Aí você tem os reaggeiros, tem quem gosta

“Tenho a idéia de que as coisas sempre dão certo quando você quer muito. Isso vem desde a infância, com aquela coisa meio ridícula do “jogo do contente”.”

de heavy metal, você tem os que vão para o Mucuripe (*Club, boate localizada na Praia de Iracema*), os mauricinhos, playboyzinhos... Eu acho que Fortaleza é um lugar extremamente produtor desses enclaves sociais e dessas zonas de sociabilidade. Quando eu fiz este trabalho, o que eu tentei percorrer foram esses caminhos. O caminho dos lutadores de jiu jitsu, por exemplo. Eles vão para forró, para o Mucuripe, né? Para o Cantinho, Cantinho do Céu? (*pergunta ela para os entrevistadores, referindo-se ao local frequentado por forrozeiros localizado na cidade do Eusébio, zona metropolitana de Fortaleza*) eu não sei mais o nome, Clube do vaqueiro... (*clube de festas de forró*) Você começa a perceber que esses locais

produzem certas redes de sociabilidade, e que essas redes de sociabilidade produzem certos lugares.

Camila – *Você está falando de territórios. E eu me lembro de uma entrevista em que você disse que quando você estava estudando as torcidas de futebol, quem não estava celebrando naquele momento se tornava um inimigo para as torcidas. Eu queria saber se quando você teve de se deparar com os seus objetos de estudo, você teve que vestir a camisa daquela torcida para entender melhor.*

Glória – Não. Eu sempre deixei claro que era uma pesquisadora. Quando eu entrei no baile funk eu tinha que entrar pelo lado “A” ou lado “B” e ficar, né? (*refere-se aos locais dentro do baile, cada galera escolhe um lado rival para ficar, ou ficam do lado “A”, ou ficam do lado “B”*) Porque vocês não chegaram a ir a um baile funk aqui em Fortaleza, mas tinha uma divisa clara, um corredor mesmo. Nesse corredor ficavam tipo seguranças a paisana com cacetetes, paus mesmo, e toda dança do baile é o lado “A” querendo invadir o lado “B”. Aí os caras com cacetetes: tá tá tá (*gesticula os movimentos de pancadas com cacetetes*), batiam nos lados para que eles não se encontrassem. Se você entra em um lado tem que ficar naquele lado. O banheiro fica de um lado, a cantina de outro, entende? Quando você entrava em um baile funk você tinha que escolher o lado, só que, por exemplo, se eu entrava com... não posso dizer nem o nome porque esse cara com quem eu entrava já me pediu “pelo amor de Deus” para eu não

A pausa para lanchar foi um momento de muita descontração com Glória contando histórias, mas com cuidados de não prejudicar a entrevista.

dizer o codinome dele, é porque hoje ele é um pacato cidadão da civilização. Eu entrava com ele, a mãe dele nem sabia, ele dizia que ia para a PI (*Praia de Iracema*) e ia para o baile. Então eu entrava com ele, por exemplo, no lado "B". Aí ele dizia "Corre, corre", o (*fotógrafo*) Igor Câmara ia comigo... "Corre, a pesquisadora, minha nossa senhora, a pesquisadora", claro que eu era a pesquisadora e um ser completamente estranho, o Igor menos, e eu completamente estranha. O que eu estou fazendo ali, né? E isso facilita quando você deixa claro a sua identidade, não deixa em ambigüidade nenhuma, nunca vesti a camisa. Eu sempre fui muito clara sobre o meu papel. Quando eu fui entrevistar, conversar com os jovens que estão privados de liberdade, eles me contaram tudo, porque eu podia escutar como pesquisadora, nunca me fazendo como uma deles.

Camila – *Isso de certa forma prejudicou a sua pesquisa, você sempre se afirmou como pesquisadora?*

Glória – Não, eu acho que facilita. A verdade sempre facilita, a clareza das coisas sempre facilita, porque qualquer ambigüidade das coisas é prejudicial. Como pesquisadora ela tem que deixar claro como uma questão de ética. Eu fazer de conta que estou ali como outra coisa para estar escutando... Eu sempre consegui saber de coisas que quase ninguém sabe, que não se diria para ninguém, pela clareza com que eu sempre cheguei nos lugares.

Daniel – *Existe uma exceção dessa lógica de guetos? Há algum momento em que os jovens de periferia conseguem entrar com mais facilidade,*

por exemplo, lá no Dragão do Mar? Existe este tipo de exceção?

Glória – Como você diz exceção?

Daniel – *Os jovens de classe média írem para a periferia e conseguem invadir um território ou algo nesse sentido.*

Glória – Olha eu digo que o espaço mais democrático da cidade é a Beira Mar. É estranho, mas é o espaço mais democrático porque tem de tudo. Tem o cara ricão que mora ali e faz cooper, tem a prostituta, o travesti... Mas é porque é incontrolável, um espaço

"Mas eu acho que as coisas melhores da minha vida acontecem realmente por acaso. As mais densas, mais contínuas, mais sólidas aconteceram por acaso."

incontrolável... Tem o taxista que faz michê, tem o policial que reprime e passa droga... Os papéis são múltiplos, diversos, e não homogêneos na sua rede de acontecimentos. É tudo muito misturado. Eu fiz uma pesquisa lá sobre prostituição, em Fortaleza como um todo, e a gente estudou cada territorialidade. Na Beira Mar, por exemplo, tem taxista que pega turista e ele faz parte. Ele diz assim: "Olha eu faço triângulo, eu tenho a minha mulher, você quer ir?" Ele faz parte da rede. Tem o pipoqueiro que vende a droga, tem o policial que protege a prostituta, mas também ela paga dormindo com ele. Tudo é muito misturado. Eu digo que é um espaço mais democrático porque os papéis podem todos se inverter, se travestir de outros papéis, digamos assim.

Daniel – *Essa seria a exceção da cidade então?*

Glória – Eu só vejo em Fortaleza esse espaço, porque até o Dragão do Mar, o lazer é muito caro. O lazer é caro e é um perigo. (*ri sozinha*) Por que ser um sociólogo é dizer que o lazer é um perigo? Por quê? Porque você não vai sentar em nenhum barzinho ali se você não paga. Você paga um... como é que a gente chama?

Maria Rita – *Couvert (taxa paga por aqueles que se sentam nas mesas dos restaurantes que tem música ao vivo).*

Glória – Couvert artístico. É difícil você sair sem gastar. Na Beira Mar você ainda pode ir só passear e comprar uma pipoca, mas acho que não tem outro espaço em Fortaleza que seja assim, que junte pessoas de várias classes no mesmo espaço. Veja, tem, na periferia tem um espaço extremamente democrático e

tudo, eu digo espaço que junte. Porque a Praça José de Alencar (*praça do Centro de Fortaleza*) é um espaço muito mais plural que a Praça do Ferreira, menos disciplinado. Era né? Antes da reforma, não sei agora. Por outro lado a frequência... Eu tinha uma aluna de arquitetura que nunca tinha pisado na Praça José de Alencar. Já na Beira Mar ela foi, a prostituta pode ter ido, ali quem mora no morro, o menino que mora, sei lá... Pessoas que saem não sei de onde para ver o mar, pegam ônibus, comem pipoca. Eu acho que é o reduto, é um ponto de resistência, de ocupação democrática, de uso democrático da cidade.

Paulo Júnior – *Glória, em que aspecto estas suas pesquisas sobre violência urbana te surpreenderam? Porque ge-*



À época da produção da entrevista, a equipe preparou xerox do livro *Cartografias da cultura e da violência – gangues, galeras e o movimento hip hop*, resultado do doutorado de Glória Diógenes em Sociologia, pela UFC.

Trata-se de uma leitura obrigatória para aqueles que desejam conhecer o universo juvenil na periferia das grandes cidades brasileiras, buscando compreender a combinação entre violência e juventude, em 247 páginas.



Glória demonstrou se divertir muito ao falar da infância, contando casos engraçados da família, da mãe e de si própria.

almente, quando a gente vai fazer uma pesquisa, penso eu, pelo menos, a gente vai buscando algumas respostas, como se a gente já tivesse estas respostas prontas. Em que aspectos essas pesquisas sobre violência urbana, as pesquisas que você já fez te surpreenderam? Você encontrou respostas que não procurava?

Glória – Olha, me surpreenderam tanto que eu não sei te dizer, assim, por exemplo... Você ouve um rapaz de dezesseis anos dizendo que ele não tem mais jeito. Ele não tem mais jeito, acabou-se a vida dele. Você ouvir uma pessoa de treze, quatorze anos dizendo que tanto faz matar ou morrer, que não tem medo de nada. Você ouvir uma pessoa dizer que furou outra, que está quase morrendo no IJF, mas que foi dormir na Praça da Sé porque Nossa senhora adora muito ele... Não tem a lógica linear da gente. Uma pessoa dizer assim: “Você me escutou hoje, eu lhe falci um monte de coisas, você volta, né?” Foi por isso a idéia de voltar. “Você volta, né?” A idéia de pesquisador que carrega os dados e vai embora, né? E aí, e agora... Eu fiz um trabalho que se chamou “Histórias de Vida de meninos e meninas de rua”. História de vida é uma técnica que geralmente você faz com pessoas mais velhas, e eu peguei oito pesquisadores muito bons: a Lídia Valesca (*socióloga e ex-aluna e orientanda de Glória no curso de Sociologia*), o Nilson Amino, Izaurora Freitas e Salvino (*todos pesquisadores*). E uma delas, que a Lídia acompanhou, ela criou... Porque história de vida são várias vezes que você encontra

aquele narrador, que a gente não chama informante, chama narrador, várias vezes, e quando chegou um dia essa menina disse para a Lídia: “Eu não sei o que eu vou fazer da minha vida sem você, eu lhe mostrei tudo o que eu tenho, eu espero a hora de você chegar, eu só falo pra com você”, essa dimensão da escuta e que a gente pouco... (*faz o gesto de quem pouco liga para as coisas*) Por que é que tem tanta tristeza e depressão na classe média, casos de suicídio? Por que a gente só olha para a periferia, né? Eu digo que o

“O Paulo foi ser humorista. O segundo trabalha com boate, é DJ não sei aonde (...) O terceiro gosta de bicho, então só restou... Aí ele foi vendo que só tinha eu mesmo.”

desalento é muito maior na classe média. Eu dou aula... Eu levei os meninos do Enxame (*Enxame é um projeto da Glória que procura ressignificar a individualidade dos jovens do Morro Santa Teresinha através da arte. O projeto funciona há quatro anos e conta com oficinas de arte e educação*) para assistir a uma aula da UFC. Quando terminou, eles disseram assim: “Glória, isso é que é universidade?! Eles não falam nada, não é?” Em umas aulas em que eu os levei, que eu não vou dizer o curso, eles saíram estarecidos. Porque lá no Enxame, por exemplo, uma oficina que eu peguei (*que tinha como tema*) dor de cotovelo. É uma confusão, “porque mulher gosta de sofrer”, “não se faz mais Amélia”, “não vale a pena dizer que gosta muito de

uma mulher”, fica a questão ebulitiva assim, todo mundo. Você vai dar uma aula como eu vou, cheia de ânimo, não sei o quê, leva um monte de coisa... Eles (*estudantes da UFC*) ficam... (*cara de apática*) Quer dizer que é isso... “Glória, o que é que fizeram com as pessoas, hein? Mais ricas assim.” Porque você chega e é aquela coisa blasé, de não ser afetado pelas coisas, uma certa resistência das coisas, uma diferença. Tem um livro que é da Viviane Forrester, “O Horror Econômico”. Que ela diz que o pior sentimento é a indiferença. A indiferença é o sentimento mais tênue, mais voraz. Por quê? Porque é uma morte de sentido, né? Um colapso do sentido. Então é um nome que assim... Que dentro desse âmbito dos trabalhos realizados, nesse âmbito de periferia, você tem uma coisa mais, digamos, viva... Menos disciplinada, até mais caótica, mas a chama da idéia de que eu estou viva existe, nem que seja algo violento.

Cristina – *Você se identifica com tudo isso? Porque o que parece é que é você nesse mundo que você estuda, entendeu?*

Glória – É porque é o seguinte... Eu acho que enquanto o indivíduo está vivo ou ele tem uma revolta, ou ele tem uma indignação, ou ele tem muita alegria, ou ele tem e deseja muito a esperança. Quando eu vejo assim... “Não, não tem nada não, tanto faz. Ô leva, deixa.” (*Fala com desdém*) Eu fico mesmo aterrorizada quando as amigas da minha filha, quando eu vejo gente bem mais jovem do que eu desistindo das coisas, não lutando pelas coisas que quer muito. Isso é estranho para a minha natureza,

O livro tem edição nacional pela Editora Annablume e revela uma pesquisadora sensível e corajosa, além de uma escrita segura, provocante, densa.

e eu acho que isso é a morte mais feroz. É onde o capitalismo cala mais fundo as pessoas. É o que de mais perverso tem. E talvez seja contra isso, ou em direção a isso, que eu lute, que eu tente lutar. É fazer acordar as dimensões adormecidas, ou latentes, ou desistidas daquela pessoa. daquelas pessoas, né? Eu acho que eu tenho muito mais trabalho, investimento energético de dar uma aula na UFC do que no Enxame. Não estou dizendo que eu gosto disso. Eu estou dizendo que eu lido melhor com as coisas vivas, nem que elas dêem trabalho.

Camila – *Você consegue separar suas pesquisas desses afetos, esses sentimentos?*

Glória – Não, não é para separar. É o seguinte... Se eu visito, por exemplo, acho que é melhor um limite, que era “fanáticos e irreverentes executando loucuras”, aquele negócio da Fiel (*galeira do Pirambu*), né, que eu coloquei para vocês. Se eu visito a Fiel, se eu entro na casa do chefe da Fiel, se eu não sinto nada, se eu sou uma mera pensadora eu não vou obter nada se nada me afeta...

Agora veja bem. Eu vou um pouco na lógica, na lógica não, nos preceitos budistas do caminho do meio, o difícil caminho meio de você sentir as coisas e não perder o cixo, entendeu? Eu sinto muito, mas eu não perco o eixo assim. Tem um texto do Freud (*Sigmund Freud, austríaco e pai da psicanálise, falecido em 1939*) que é maravilhoso. O Freud várias vezes visitou a obra do Moisés (*profeta judeu que, segundo o Antigo Testamento, salvou o seu povo do cativeiro do Egito guiando-o até a terra prometida de*

Canaã), o Moisés do Michelangelo (*Buonarrotti, artista renascentista italiano nascido em 1475*) que tem várias esculturas do Moisés. Sua obra estava em Florência (*cidade italiana*), ele ia ao museu e ficava... Ficava um tempão olhando aquilo, impressionava muito o Freud. E foi aí que ele escreveu sobre a idéia de que aquele Moisés de Michelangelo, que segura a tábua dos dez mandamentos, o corpo dele inteiro está com raiva, indignado com o povo dele e tudo. O Michelangelo consegue colocar em cada

“Eu sempre consegui saber de coisas que quase ninguém sabe, que não se diria para ninguém, pela clareza com que eu sempre cheguei nos lugares.”

veia, na expressão, a ira dele, mas ele não quebra a tábua, entende isso? Aqui é o princípio da realidade, que o próprio Freud vai colocar. Como você vive com uma porção de vida e morte e consegue, nesta luta entre Eros (*Deus do amor, conhecido como o Cupido*), que é a porção da vida e Tanatos que é a porção de morte.... Tânatus, não sei. (*Deus da morte da mitologia grega, representado por um jovem alado portando uma tocha apagada*) Você consegue se mover. Então eu acho que o afeto é puro Eros, é a pura vida, entende? Não dá para negar afeto. Agora não dá para ser só afeto. No sentido que o afeto é que move, é ele que dá a vida às coisas. Mas aí é essa mistura, né? O tempo inteiro que você tem que fazer. Você tem que fazer o que você faz

normalmente. O problema é quando você quer ser só afeto, com medo da razão. Porque não existe razão sem afeto, pra mim, essa é a questão. Nem método sem a causa-circunstância.

Karine – *Glória, você falou da questão do afeto e do racional. Na pré-entrevista, o Lobão disse que no início de suas pesquisas, quando você entrou em contato com os meninos, eles ficavam um pouco desconfiados pelo fato de você ser estranha, uma pessoa de fora. Então como é que você fez para conquistar a confiança deles e construir uma relação até maternal?*

Glória – Eu acho que eu não sei fazer muito, ter estratégias, por exemplo. Deixa eu ver se eu consigo exemplificar. Não tem mulher que para conquistar um homem faz um monte de coisas? Eu não sei fazer nada disso, só sei querer.

Então, eu queria muito, eu sabia que se eu fosse lá várias vezes e quisesse muito e ficasse claro que eu queria muito, se eles quisessem a gente ia junto. Então eu não tinha nenhuma fórmula. Primeiro, eu sou muito verdadeira, se os meninos fazem algo que eu não gosto eu digo. Não papirico e não considero nenhum deles carente. Não gosto dessa idéia de carência, “os carentes”, eu trabalho com as potencialidades deles, eu me relaciono com as potencialidades, não tenho pena deles. Eu acho que isso já é muito bom porque eu olho para eles tentando ver ou vendo o que eles trazem. Eu não fico pensando que eu sou boa porque estou fazendo trabalho para os carentes. Primeiro que eu não sou boa. Tenho problema com gente boazinha, morro de



Há um outro trabalho da professora Glória Diógenes muito bem recebido: *Itinerários de corpos juvenis – o tatame, o jogo e o baile* (Editora Annablume, 2003, 225 páginas).

É resultado de quatro anos de pesquisa sobre a construção de manifestações juvenis singulares a partir da relação entre corpo e lugar.



Glória disse ao jornal O Povo, no lançamento: "É um mapeamento de como a transgressão entre jovens se dá nas torcidas organizadas, como os bailes funks se transformaram...

— ... num desdobramento das provocações entre grupos rivais nos estádios, como esse processo foi deslocado para espaços alheios à prática futebolística e como se manifesta em alguns praticantes de jiu-jitsu".

medo, acho um perigo, porque gente muito boazinha não é clara, não pontua o que incomoda e explode quando você menos espera porque não deixa as coisas claras.

Então eu sempre coloquei para eles assim, que tinha coisas que eu não sabia, que tinha coisas que eu não conseguia, coisas que eu não concordava. Foi uma relação que se construiu muito de verdade. Eles olhavam para mim e tudo o que eu dizia eu notava que eles olhavam bem no meu olho, para saber se o que eu dizia era verdade. Quando eles sabem que você está ali de verdade, pronto. Só que tem gente que chega lá tentando agradar, tentando mostrar que gosta de pobre, que gosta de fazer caridade, que tira um tempinho seu para ouvir os excluídos, e isso é horrível. Eu faço porque eu gosto, não estou fazendo um favor a eles, eu gosto de estar lá porque me alimenta, me nutre, me faz melhor. Não sou boazinha, estou porque quero. O dia em que eu não quiser mais vou fazer outra coisa. Então eu acho que isso é bom, porque as pessoas de fora do mundo deles os tratam de uma forma cuidadosa quando querem tratar bem, porque eles são pobres. E eu não, eu nunca papariqueei quem não queria ficar e sempre disse o que eu não conseguia fazer. Ah, e burguesa, eu sou burguesa mesmo, nunca neguei que gosto de coisa boa, eu queria que eles pudessem ter acesso ao que eu tenho, mas o que eu posso fazer?

Ciro – Glória, você falou que o importante numa pesquisadora é que ela sinta, mas não perca o eixo, foi justamente isso que aconteceu no caso do Enxame? Você fez a sua

tese de doutorado e sentiu necessidade de fazer alguma coisa a mais?

Glória – Foi, mas foi também uma necessidade minha mesmo. Por isso que eu acho que eu sou frágil, porque se eu fosse só fazer uma única coisa eu ficaria triste, eu gosto de inventar, de abrir novos caminhos, novas formas de atuação, estar inventando, criando, viajando. O Enxame é uma necessidade minha de movimento, de criar algo fora da Universidade, respirar fora da Universidade. Para mim, a Universidade é um espaço ex-

"Eu levei os meninos do Enxame para assistir a uma aula da UFC. Quando terminou, eles disseram assim: "Glória, isso é que é universidade?! Eles não falam nada, não é?"

tremamente rico, plural, mas ao mesmo tempo, engessado, mas não morto, não quero dizer morto. É que tem pouca coisa viva. Por exemplo, quando está na hora de ir dar aula eu não gosto, mas quando eu chego lá eu me animo por causa dos alunos.

O próximo livro que eu queria escrever é sobre a alegria. A alegria é tão revolucionária que perturba os outros, a pessoa alegre incomoda. E eu não sei se há espaço para a alegria na Universidade. Porque a alegria é banal, ocasional, fortuita. Imagina você fazer um tese com alegria, o fulano encontra o outro que está fazendo uma tese e pergunta se ele está alegre, isso não existe. A lógica da sociedade moderna do trabalho, do sacrifício, das fadigas e penas, foi transposta para a lógica do

trabalho intelectual, mas eu só consigo fazer uma coisa que me dê prazer, se não me der, eu dou um jeito de dar, saio na padaria e como alguma coisa (*risos*). Eu tenho que ter prazer, senão não funciona. Essa lógica de fazer as coisas com alegria, querendo despertar coisas que estão ali, fazer algo mais vivo, é pouco experimentada na sala de aula. Existem pontos de resistência, professores de resistência, trabalhos de resistência, mas a instituição como um todo está muito engessada. O Benfica (*bairro em que se localiza a UFC*) é um bairro extremamente rico culturalmente, era para a universidade se articular com toda essa vida cultural. Eu não sei como fazer isso, não sou administradora, mas eu acho que talvez o René Barreira (*atual reitor da UFC*) esteja tentando, provavelmente.

Mas é difícil, porque qualquer lógica institucional se burocratiza. Por isso que eu disse que não gosto nem da militância sindical nem da militância partidária. Sou avessa a qualquer tipo de burocracia, de caminhos pré-definidos, comportamentos estabelecidos.

Maria Rita – Além dos sociólogos e psicólogos, quem você acha que deveria estudar o comportamento dos jovens para entender as atitudes deles?

Glória – Vocês. Eu tenho uma revista em que eu escrevi, que chama "Mídia, criança e adolescente", sobre jornalismo, em que eu digo assim, leia para mim, porque eu estou sem os óculos.

Maria Rita – (Lendo o trecho da revista que Glória pediu) "Os jornalistas precisam ser, como disse Foucault, um boto. O mamífero mergulha lá

no fundo do mar e dá um salto, conseguindo ver tudo de cima, inclusive a profundidade. Penso que muitas vezes o jornalista só consegue ficar na superfície, nem mergulha nem salta”.

Glória – Pois é, é como se fosse assim: o destino do cientista social é ser professor, e o destino do jornalista é o jornal O Povo ou o Diário do Nordeste (jornal cearense de maior circulação), mas será que é isso? Que tipo de jornalismo poderia existir eu não sei, se ele pudesse dar conta do que o pesquisador não pode dar, da dinâmica da juventude na lógica do acontecimento seria ótimo. Tem aquele livro “Fahrenheit 451” (Filme de 1966, no qual os bombeiros de uma sociedade têm como função queimar os livros para eliminar a infelicidade, até que um deles começa a questionar o significado desta atitude) em que a idéia da informação era assim: “Estamos em guerra com a Polônia”, aí no outro dia: “Estamos em guerra com a Nicarágua”. Não diziam: “Estávamos em guerra com a Polônia, aconteceu isso, isso e isso”, mas não, vai nesse eixo. O jornalista é capturado pela lógica, como diria o Benjamim (pensador alemão da Escola Alemã de Frankfurt, estudioso da cultura de massas e das relações modernas de sociabilidade), da informação em detrimento da narração. O narrador vê coisas densas, vê nós, ele aprofunda, depois sobe. O jornalismo que vocês estão fazendo agora é o exemplo do bom jornalismo, do que eu acredito que seja bom jornalismo, porque o que já vasculharam minha vida não é brincadeira. Se fizessem

isso com todas as questões sociais que merecem ser vasculhadas, nós teríamos um outro tipo de jornalismo.

Maria Rita – Nós entrevistamos o jornalista do jornal O Povo, Demitri Túlio, também para esta revista, e ele fez uma crítica justamente a esta idéia dos sociólogos que você citou, da parábola do boto. Ele disse que se, por um lado, o jornalista fica na superfície, por outro lado, o sociólogo quando vai estudar a sociedade vai “beber” neste estudo “superficial”, neste relato que o jornalista faz que

“Tenho problema com gente boazinha, morro de medo, acho um perigo, porque gente muito boazinha não é clara, não pontua o que incomoda e explode quando você menos espera (...)”

não é superficial, é factual.

Glória – Para mim o fato não existe. O fato é sempre interpretativo, na verdade você tem uma agenda de acontecimentos: aconteceu tal coisa, no dia tal, na hora tal. Isso não é fato, é uma agenda de acontecimentos. Mas o fato social em si não existe porque é claro que se o Ciro, o Ronaldo e o Daniel (Glória se refere ao professor Ronaldo Salgado e aos estudantes Ciro Câmara e Daniel Sampaio) forem fazer uma matéria, serão três fatos. O fato nunca é o mesmo. Eu fui ontem ao Shopping Aldeota (Shopping da área nobre de Fortaleza) com a Neide e o pai dela, e ele nunca tinha visto um shopping. O shopping estava cheio de coisas de Natal e uma árvore imensa. Você viu o que o seu pai disse? (Glória faz a

pergunta para a amiga que está na sala assistindo à entrevista) “Valha, uma árvore tão grande, pra quê!” Porque na nossa sociedade moderna tudo tem de ser muito grandioso para chamar a atenção da gente. Para o homem do sertão um detalhe é muito grande. A gente precisa de coisas muito grandes para poder se adrenalizar, como diz o pessoal do jiu jitsu. Como ele olhou o shopping e como eu olhei, era o mesmo fato, mas e daí? Peça para ele fazer uma crônica daquele fato e peça outra para mim, não será o mesmo shopping. Assim como para uma jornalista que lê hermenêutica, que vai ao teatro, e outro que é positivista, o fato social não será o mesmo nunca. É uma ilusão de que o fato social existe. O que existe são pontos referenciais, e diferentes pontos de vista. Se eu digo: “Aqui é quente”, o outro diz “corre uma brisa”.

Marcos – Você acha que os jornais conseguiriam encontrar mais coisas do que eles narram, que é a violência e a pobreza, se eles pudessem entrar na vida dos jovens, na periferia?

Glória – Sim, pelo menos fazer um link. Por exemplo, há uma quantidade enorme de patricídio, de gente da família que mata alguém da própria família. Como é que um jornal coloca uma notícia de uma mãe que matou um filho e de um filho que matou a mãe e ninguém faz um gancho do que é que está acontecendo com este mundo em que os filhos estão matando os pais? Isso sim é um fato social, mas não é só uma notícia, é um acontecimento que gera um fenômeno social. A minha pergunta é: “O jornalista tem



Para fazer a pesquisa, Glória frequentou estádios, acompanhou a movimentação das torcidas organizadas e entrevistou os líderes desses grupos.

E aí veio um achado: ao descobrir que muitas das querelas insufladas nas arquibancadas eram estendidas aos bailes funk, a professora voltou as atenções para esse território.



A equipe de produção entrevistou várias pessoas em busca de depoimentos sobre a entrevistada. Segundo a filha Isadora, "mamãe é amigona, verdadeira e muito conversadeira".

olhos para captar fenômenos sociais"? Eu não sou contra os fatos, os fatos para mim são pedaços dos fenômenos sociais. Então o jornalista cobre aquele acontecimento achando que aquilo é tudo, mas não é tudo. Eu estava conversando com a Geísa Matos e ela disse que estava dando aula na Unifor (*Universidade de Fortaleza, localizada no bairro Edson Queiroz*) para uma turma de jornalismo e só queria dar textos de sociologia, mas os alunos não gostavam. Ela acha que os melhores jornalistas são aqueles que entendem os fenômenos sociais. Se eu fosse coordenar um curso eu pegaria rapidinho as técnicas de jornalismo. Mas faria diferente, passando por uma idéia de complexidade. Eu posso até escrever uma matéria bem pequenininha, mas se eu for boa não será igual às outras. Pode ser só uma frase, só um título, uma manchete, mas que manchete!

Ciro – Provavelmente você já levou muita experiência para os jovens do *Enxame*. Agora nós queríamos saber o que eles te passaram de ensinamento.

Glória – Ah, muita coisa. Eles são um espelho para mim, eles me devolvem muito o que eu sou. Eu não sabia como eu era tão atrapalhada, que derubava tanto as coisas no chão. Eles percebem muito as coisas. Hoje mesmo eu fui dar uma oficina lá e peguei uma historinha do "Pinote, o Fracote e Janjão, o Fortão" (*história infantil da autora Fernanda Lopes de Almeida, na qual Janjão, o Fortão, não imaginava que um fracote lhe derrotaria*) para mostrar como os bobos e os tolos podem ser geniais, porque eles só querem

ser espertinhos. Eu pegava a história e deixava cair os óculos, aí a Lila (*Lila é uma das participantes mais antigas do projeto Enxame*) disse que se não caísse nada não era a Glória. É como se lá realmente eu fosse muito como eu sou. Lá eu recebo os feedbacks do que eu sou, das coisas que eu falo e não tem nada a ver, eles dizem quando isso acontece: "Glória, vacilou..." Eles perguntam onde eu estava e por quê, eles me perguntam tanto que me levam a pensar em muitas coisas. O mais fundamental que o *Enxame* me le-

"Ah, e burguesa, eu sou burguesa mesmo, nunca neguei que gosto de coisa boa, eu queria que eles pudessem ter acesso ao que eu tenho, mas o que eu posso fazer?"

vou a perceber é que a vida vale a pena. Dentro do que você já desistiu há vida, há movimento, não sei bem explicar como... Mas lá eu me alimento. Eu saio de lá pensando que eu enfrento qualquer coisa. Se você pega uma "Triste partida" do Luiz Gonzaga (*cantor e compositor pernambucano, conhecido como o Rei do Baião, falecido em 1989*) e pede para cada um contar uma triste partida, no final você nem acredita, a sua vida é maravilhosa. Eles dizem: "Meu pai foi para São Paulo, voltou e não deu certo, quando cheguei na sala ele estava enforcado", "Meu irmão morreu porque quando ele estava na rede colocaram farinha e ele morreu engasgado". E tudo isso contado como por um sobrevivente, mas um sobrevivente que não desistiu

da vida não. Tem gente lá que na própria casa não tem uma cadeira, mas está lá com uma dignidade! Eu vejo isso e digo para os meus filhos: "Vocês têm tudo!" Como se vive insatisfeito numa sociedade insatisfeita! Estas coisas me mostram que a satisfação está em coisas muito pequenas, não é preciso tanta coisa para que você encontre um sentido de vida não.

Tarciana – Como você faz para se preparar para ouvir e para ver tudo isso?

Glória – Eu acho que eu não me preparo, a maioria das vezes eu saio de lá muito bem. Mas às vezes eles estão agressivos porque não estão preparados para lidar com uma situação difícil, às vezes a revolta é muito grande e às vezes a tristeza é muito grande. Na verdade a gente não se prepara, a gente vive e vai aprendendo nessas vivências. Eu

acho que só se prepara vivendo. Não tem como eu me preparar, se eu me preparar para uma situação triste e acontecer uma alegre? Não tem como. Agora tem a preparação no sentido de não se desmanchar ao ver a vida como ela é. Vocês devem ter uma idéia de que são muito menos fortes do que são, de que qualquer coisa pode abalar. É não, a gente tem uma capacidade imensa de metamorfose, de mutabilidade, de transfiguração, de superar muitas coisas e, sabendo disso, você está preparado.

Humberto – Glória, o que a vida quer da gente é coragem?

Glória – Onde você viu isso, onde foi que eu coloquei isso?

Humberto – Você citou o escritor Guimarães Rosa lá no BNB (Banco do Nordeste).

Isadora revelou também cenas do cotidiano de Glória: além de dificilmente ficar parada, quando está em casa, Glória gosta de escrever e ler.

Glória – Ah, foi. Porque eu acho essa coisa do Guimarães Rosa (*um dos mais importantes romancistas brasileiros, falecido em 1967, autor de Grande Sertão: Veredas*) muito legal, e às vezes eu me sinto com muito medo. Um dia eu estava no meu analista e eu disse que achava que tinha medo de duna porque fiquei em cima de uma duna muito grande, lá no Porto das Dunas (*localidade próxima à praia caracterizada pela grande presença de dunas*), e fiquei tonta. Aí ele disse que eu não tinha medo de duna, que eu devia ter medo da vastidão que tem dentro da minha cabeça, e de tanta coragem que eu queria ter. Então tem muitas coisas que a gente não se acha capaz. Um lema meu é: “Faça sem conseguir”, se não sabe fazer é: “Faça sem saber”, eu digo isso para os meus filhos quando estão cansados: “Faça cansado”. É muito bom perceber que o que a vida quer da gente é coragem. Até para se levantar da cama de manhã, porque eu tenho uma inércia. O corpo da gente tem uma inércia natural se a gente se deixar levar, aquela calma de baiano... O que a vida quer da gente é coragem é nesse sentido, de se levantar e lutar às vezes contra uma inércia, de uma vontade de deixar as coisas correrem, de achar que não vale a pena, que as coisas já estão boas. Mas não, não estão boas não, eu quero o melhor para mim, eu acho que mereço, que todos nós merecemos. Tem uma peça do Ricardo Guilherme (*contista, poeta e teatrólogo cearense*), que se chama “Bravo, bravíssimo”, em que ele fala que existem dois tipos de pessoas: a mulher das narinas de

cadáver e a vizinha gorda, visceral, indignada, que vai reclamar quando o pão e a passagem aumentam, passional mesmo. Para a mulher das narinas de cadáver, tanto faz como tanto fez, ela passa pelo mendigo na calçada, abaixa o vidro e pergunta o que ele está fazendo ali, fala para ele reagir, mas ela não reage, ela tem um tédio fundamental, ancestral, enquanto a vizinha está ali, viva. Ele diz que nós somos como um mendigo que, digamos, temos ratazana para comer hoje; se eu sou a mulher das narinas de cadáver eu

“O Enxame é uma necessidade minha de movimento, de criar algo fora da Universidade, respirar fora da Universidade.”

vou dizer: “É, não tem outra coisa, né? Seja ratazana, não me deram outra coisa”, se eu for a vizinha eu vou dizer: “Não quero porra de ratazana nenhuma!” e joga a ratazana na parede. Contentar-se com pouco é não ter coragem. Ter coragem é reagir a cada coisa que nos incomoda. A gente diz muito assim: “Ah, eu tenho um marido tão bonzinho, não bebe, até bebe, mas bebe comigo, não gosto muito dele não, mas é bonzinho, traz dinheiro pra casa e essas coisas todas, vou ficar com ele”. Tem gente que tem coragem de romper com isso que está bem estruturado e não está bom, não é o que elas querem para a vida delas.

Maria Rita – *E sobre os jovens que você estudou, por que você acha que essa força que eles têm se manifesta na*

forma de violência? Por que a subjetividade deles mesmos se transforma em violência?

Glória – É violência como uma revolta, é mais uma revolta, não é bem a violência, é uma revolta sem ser canalizada pra nada. Mas ele está vivo porque está revoltado, é melhor do que aquele apático. A violência é um grito mudo porque não consegue dizer nada, mas é um grito. E quem desistiu? É difícil você ajudar quem está estático, parado. É mais fácil resignificar a subjetividade de um jovem violento do que a de um jovem completamente passivo, que desistiu de viver.

Fernando – *Você falou que a personalidade das pessoas é produzida no local em que elas foram criadas, que o jeito que elas encaram a vida é resultado de como elas viveram. Essa sua atitude de encarar a vida, de querer ter coragem, pode ser encarada da maneira como você foi criada. Você acha que teria essa atitude diante da vida se estivesse no lugar desses jovens com quem você convive?*

Glória – Eu sei que eu faria um pouco como eles, era capaz de eu ser uma incendiária, não me conformaria, não sei o que eu seria, mas eu não me conformaria. Eu não seria uma pessoa que acharia normal ser pobre e não ter direitos, e eu acho que me identifico com eles nisso. Eu sinto que a revolta deles é justa, mas não o modo como eles expressam porque eles não sabem lidar com essa força desordenada. Por exemplo, o cara está querendo ficar na boa, aí vem o traficante e diz para ele que é besteira estudar, que é melhor pegar o 45 (*arma usada por policiais e bandidos*) e ir ven-



Já sobre os programas favoritos da mãe, Isadora revela: ir ao cinema, caminhar no Parque do Cocó e, principalmente, comer bem.

A filha da Glória simboliza a mãe como uma estrela, “não por essa coisa de cinema, mas porque ela ilumina a vida de todos e está olhando para todos os lados”.



O filho mais novo, Alexandre, disse que não dar para definir a Glória Diógenes em poucas palavras, apesar de não deixar de demonstrar o amor e o carinho imensos que sente.

der maconha, que ele ganha o que o pai dele ganha em um mês. O cara sair dessa lógica e entrar na lógica do trabalho que ele sabe que é espoliadora é algo meio difícil.

Daniel – *Há uma relação de maternidade entre você e os jovens do Enxame, ou é mais a pesquisadora que atua? Ou as coisas se confundem?*

Glória – Eu tento não fazer o papel de mãe, apesar de haver uma demanda simbólica deles que é inevitável. Para eles não tem jeito, eu sou uma mãe e o Lobão (*Lobão é um dos colaboradores mais antigos do projeto*) é o pai.

Aí eu fiquei pensando que poderia ser uma projeção transicional, que se eu cortasse esse laço de uma vez poderia ser problemático. Eu não alimento, mas às vezes é inevitável. Quando eu começo uma amizade eu penso que não vou fazer muita coisa, mas as minhas amigas de dez, quinze anos já estão acostumadas. Quando eu conheço uma pessoa ela já fica cismada, achando estranho eu ficar pagando as coisas, mas quem já está comigo há muito tempo não estranha. Com os meninos eu não faço nada disso, não dou nada, não levo nada. Mas o meu jeito mesmo de ter cuidado com eles e me interessar por eles é inevitável, acaba criando uma relação maternal porque eles se sentem acompanhados, digamos assim.

Ciro – *Você diz que não costuma planejar as suas coisas, mas no caso do Enxame você está trabalhando com 35 jovens que tem as perspectivas de vida de acordo com os seus planos para a ONG (Organização Não-Governamental). Que tipo de responsabilidade você sente quando*

percebe que tem a vida de 35 jovens para encaminhar?

Glória – De vez em quando eu fico perturbada quando me dou conta não só dos 35 jovens, mas dos quatro filhos e dos montes de orientandos. Eu vejo o que eu criei e aí você nota que você não é só você mais e sua vida não lhe pertence. Não estou falando por um aspecto ruim não. Digamos que eu dissesse assim: “Eu vou chutar tudo, encontrei um alguém e vou-me embora”, eu não posso, eu não posso jogar minha energia só para uma pessoa, não tenho mais esse direi-

“A alegria é tão revolucionária que perturba os outros, a pessoa alegre incomoda. (...) a alegria é banal, ocasional, fortuita. Imagina você fazer um tese com alegria (...)”

to como uma pessoa jovem tem. Eu não espero que eles se tornem profissionais de arte, eu espero que eles sejam seres com sensibilidade, que a sensibilidade deles seja movimentada e que se eles forem pedreiros serão pedreiros com noção dos seus direitos, com dignidade e orgulho de ser o que eles são. Eu digo que o Enxame ensina a arte de ser si mesmo, trabalhando a idéia do sujeito. Se eles se tornarem rappers famosos, ótimos muralistas, estilistas, que agora também tem no curso, ótimo também. Mas o objetivo maior é que eles se tornem o que eles querem ser da forma mais digna, sentindo orgulho deles mesmos.

Ciro – *Você já sentiria realizada com isso?*

Glória – Ah, sim. Muito contemplada

Marcos – *Já teve algum caso em que você achou que a pessoa não tivesse mais jeito? Como foi?*

Glória – Já tiveram vários casos. Tem pessoas que vêm e não estão prontas para aquilo. Prontas para quê? Para ter horário... Por exemplo: se o cara usa crack (*droga derivada do ópio*) e for para o Enxame chapado ele não vai aproveitar nada. Aí eu digo: “Olha tu tens que vir de cara, senão, não aproveita, fica desse jeito em casa, não precisa vir”. Tem gente que não está pronto, até sair é importante, perder alguma coisa. Eu digo assim para o cara: “Quando você estiver pronto você volta, mas só quando estiver pronto, porque eu não te quero de qualquer jeito, a gente não te quer de qualquer jeito”. Até isso é pedagógico, educativo porque você está ocupando uma vaga de uma pessoa que quer. Alguns

passam e não ficam, faz parte da vida. Alguns ficam de um jeito, e não ficam, e alguns ficam muito, se dão por inteiros, e é assim que você tem de trabalhar, nessa gradação. Os que vão também fazem parte do que você conseguiu. Eu já sei que pode entrar uma figura lá e sair no outro dia e não me sinto mal por isso. Não é o momento dela e talvez não seja aquilo que ela vai querer nunca. Tem gente que chega com a expectativa de curso profissionalizante, porque a mãe quer, ou quer uma bolsa, e a gente não tem bolsa, que chega com um aspecto mais pragmático e quer uma coisa mais específica. Lá não é o lugar dessa pessoa, tem outra ONG que vai atender ele assim. Se você quer um curso, aqui não é o lugar de um curso. Você vai ser “mexido”,

Mas épa! Alexandre fez uma revelação aos produtores da entrevista: ele disse não gostar da maneira com que Glória lida com dinheiro, sem planejamento.

você topa? Tem gente que não topa.

Ontem teve um rito de iniciação, um cara que veio pela liberdade assistida, cismadíssimo sem dizer uma palavra. Nós fizemos a seguinte atividade, eu inventei um negócio que é assim: você procura uma figura na revista do que você é e todo mundo percebe. Tipo assim, Maria Rita (*estudante de jornalismo participante da entrevista*): simpática, aí bota lá. Aí você procura ou desenha o que você também é, mas que você não expressa, ou que você expressa e as pessoas não percebem e coloca um título em cada uma dessas figuras para depois a gente trocar. O que tinha de gente procurando essa outra figura e não achando, ou pensando que os outros não viam aquilo que ela também era, mas elas viam. Esse menino de ontem disse que não queria mostrar a figura que ele fez dele mesmo, porque ele não gostava de se mostrar, de falar sobre ele. Só que eu tive uma conversa com ele e ele era ótimo, aí eu disse que era uma pena ele não gostar de se mostrar porque eu gostei muito de conversar com ele. Eu só digo isso quando é verdade. Aí ele disse porque é que ele era assim, e começou a falar, que era porque ele sofreu muito, já levou muito não, porque sofreu por amor de mulher, porque brigava com a mãe e não conseguia pedir perdão, que ele era orgulhoso e o sonho dele era conseguir pedir perdão, e foi se mostrando inteirinho.

Foi um rito de iniciação, eu disse para o grupo de educadores dos próprios meninos que nós estávamos formando, era preciso segurá-lo, ele falou mais do que nós todos. Ele veio desacreditando de um

monte de coisas, dizendo que só confiava na mãe e olhe lá. Mas ele confiou na gente, o que nós íamos fazer com a confiança dele? Então não é todo mundo que topa uma empreitada dessas, se ele sabe que ele está ali e vai ser mexido, não sei se ele suporta, se corre e vai embora, mas se ele quer, aí ninguém segura mais. Tem gente que chegou lá, caladão, não dava uma palavra, era o Felipe, dizia que não gostava de rap e hoje é um rapper, um poeta dos melhores que a gente tem, um cara que argumenta e que fala em

“O jornalismo que vocês estão fazendo agora é o exemplo do bom jornalismo, (...) porque o que já vasculharam minha vida não é brincadeira.”

seminário. Mas não existe um bloco de aceitação, faz parte, assim como os amores que você perde e diz que não deu certo. Às vezes a pessoa namora três anos e diz que não deu certo, mas claro que deu certo, durante três anos. Você já viu pessoas que tem essa mania? Então faz parte, os encontros e desencontros fazem parte.

Karine – *Nessa sua convivência com jovens, alguns sofridos, outros violentos, que usam drogas, você já sentiu medo de lidar com eles em algum momento?*

Glória – Para falar a verdade, medo eu nunca senti. Eu temo que vocês achem que eu estou mentindo, mas eu não estou. Não sei se é porque há um respeito, já que eu cruzei aquela linha e estou lá com eles, passo a merecer o respei-

to deles. Já teve gente lá com arma, já teve roubo, não das minhas coisas. Por exemplo: uma educadora, que era toda delicadinha, inclusive essas pessoas ficam pouco tempo lá, ela era psicóloga, e levou para lá umas coisinhas, uma caixinha do irmão dela com R\$ 50,00 reais dentro, mas ela não sabia que o menino estava guardando dinheiro lá. Ela fez uma atividade e claro que sumiu os R\$ 50,00 reais. Ela chorava e os meninos riam da cara dela, eles acharam ela uma otária por levar R\$ 50,00 reais para umas criaturas que não têm um tostão. Já aconteceu de sumir spray, aqueles pitos eles adoram, se botar eles roubam com certeza. Tem gente que diz que ia cometer um furto, lembrou da gente e correu para o Enxame. Então o Enxame vai sendo essa possibilidade de se ser quem é sem ser julgado e por isso mesmo dando uma vontade de ser outra coisa. Sem moralismo e sem pedir: “Não use drogas”. Nós queremos que o jovem faça muita coisa e se ele usar muita droga ele não vai poder fazer nada, então com o tempo isso vai ficando mais longe do universo dele. Não tenho nada contra quem usa droga, mas quem usa muito como eles fica com um vácuo de sentido na vida.

Humberto – *O Lobão na pré-entrevista falou que você disse para ele ser ele mesmo, e isso você faz com muitas pessoas, diz para elas serem como elas são. Mas quando o jovem chega no Enxame você diz: “Vou dar uma mexida em você”. Como assim?*

Glória – Sendo você mesmo. Porque a culpa é imensa, a negação deles mesmos é imensa. Eles têm de saber que



E a Eroneide Alves Silva Braz, hein gente? É a Neide, secretária de Glória Diógenes, mas, acima de tudo, amiga do peito. Conheceram-se há mais de dez anos, quando Neide veio do Interior trabalhar na casa de Glória.

Desde 2002, Neide trabalha no escritório da pesquisadora, o Vestigius, e organiza a agenda dela. Além disso, ela também é responsável pela contabilidade da amiga e trata da burocracia do Projeto Enxame.



De acordo com Neide, o que mais impressiona na Glória é a obstinação e a dedicação ao que faz. "É impressionante a determinação dela! Para Glória tudo vai dar certo sempre!!!"

Uma outra pessoa que falou sobre Glória foi o professor das Ciências Sociais André Haquette. Ele contou que ela era uma aluna "ótima" desde o começo dos estudos dela na UFC.

eles são eles mesmos, e que eles são capazes de matar mesmo, de roubar também, isso não é um sonho. Só que eles vão ter de lidar com aquilo. Na atividade de ontem, um menino, que é um rapper, fez um microfone, um desenho em separado com um cara com uma metralhadora e no meio um cara triste. Aí ele disse que o problema dele é que ele sabe que ainda é o cara que pode pegar a metralhadora, o pai está preso, o irmão está preso, que ele sabe que o tempo todo está nesse limite. Aí o que eu disse: "Não, você pode sim pegar nessa metralhadora, essa é a sua verdade, isso é você mesmo, seja você mesmo, se você for você mesmo e não negar que é capaz de pegar na metralhadora, você não pega". Porque violência é assim, se eu for violenta com o Daniel eu vou dizer assim: "Foi uma coisa que deu em mim, não era eu", é porque você não admite que pode ser você. Quando você admite e lida com esse seu furor cotidiano, você lida, pronto. Eu não vou criar uma ONG para dizer que o cara virou bonzinho. Ele nunca virará bonzinho, porque desde a infância dele o pai era violento, o irmão também. O que eu disse para esse menino: "Se você pegar esse microfone e colocar na ponta da metralhadora está ótimo, porque essa sua raiva vai sempre existir". Nós precisamos ser nós mesmos, quer ser gay, vai ser gay, qual é o problema? Porque quando você assume que você é você, isso pode impedir que outras coisas aconteçam. Como disse o Bertold Brecht (poeta alemão nascido em 1898 e falecido em 1956), você assume o comando da barca, entendeu?

Ciro – *Você já realizou muitos projetos na sua vida e já teve oportunidade de ajudar muitas pessoas. Você se considera satisfeita como agente social?*

Glória – Não, não me considero satisfeita como agente social não. Eu me considero um ser humano extremamente feliz. Digo isso porque outro dia encontrei uma senhora indignada com o Lula e ela me perguntou se estava tudo bem, eu disse que estava, e ela quase me engole porque eu disse que estava feliz. É que eu sei de tudo isso, eu vivo estas contradições, mas eu

"(...) a gente tem uma capacidade imensa de metamorfose, de mutabilidade, de transfiguração, de superar muitas coisas e, sabendo disso, você está preparado."

também me acho uma pessoa privilegiada na minha vida. Primeiro porque eu me libertei de um monte de coisas. Essas coisas que eu disse no começo, que não me preocupava com o que dizem, rapaz, isso é muito bom. Se você chega numa idade e diz: "Já não sou unanimidade, então está ótimo". Isso dá uma liberdade, uma vontade de viver as coisas. Então eu acho que ainda estou começando, quer dizer, eu não acho que ajudei muita gente, é isso. Eu acho que eu influi na vida de muita gente.

Maria Rita – *Glória, uma pergunta sobre o papel do Enxame, sobre você ter criado uma ONG. Na época em que você estava fazendo o projeto para entregar para a Fundação MacArthur (MacArthur Foundation, instituição norte-americana privada que faz do-*

ações para projetos do mundo todo) qual era a sua visão sobre as ONGs como substitutas do papel do Estado?

Glória – Eu nunca fui simpática, nunca tive vontade de criar uma ONG. Eu criei uma ONG para o Enxame poder existir institucionalmente. Para mim se o Enxame pudesse ser um movimento era melhor, mas aí você quer receber recursos e não pode. E eu acho que nem todas as ONGs substituem o papel do Estado, depende da ONG. Tem ONG que faz esse serviço mesmo e tem ONG que não, que tem o papel de sociedade civil. Por exemplo, o Cedeca (Centro de Defesa da Criança e do Adolescente) não é bem uma ONG, mas tem trabalhos que são propulsores de novas experimentações de políticas públicas e criam uma crítica institucional ao Estado, mostrando que o Estado poderia fazer diferente. Eles não substituem o Estado, eles criam um contra-estado. Nesse sentido o que é o Enxame? Eu acho que é um tripé: um laboratório de experimentação de políticas públicas para a juventude, um lugar de pesquisa e de intervenção. Só isso, por si só, já é diferente daquilo que se faz a nível governamental. Nunca se pensa de uma forma articulada sobre a dimensão do social, ou se intervém, ou a Universidade pensa, ou as administrações projetam políticas públicas. Você pensar num lugar que é essas três coisas ao mesmo tempo, já não é o papel do Estado. Então isso depende muito da ONG, do gestor, da linha filosófica da ONG, foi aí que eu compreendi que o Enxame podia ser uma ONG, mas uma ONG com a sua cara.

Maria Rita – *E você acha que agora, com esse novo governo da Luizianne, o qual você trabalhou na campanha, pode fazer com que o exemplo do Enxame se torne uma política pública?*

Glória – Pode ser uma das dimensões da política pública. Porque eu acho que tem outras experiências exitosas, se ela puder fazer uma colcha de retalhos dessas experiências que podem, a nível de políticas públicas, ter impactos satisfatórios, isso pode acontecer. Eu acho que ela deverá fazer.

Daniel – *Você cita a Clarice Lispector em seu livro "Itinerário de Corpos Juvenis", naquela frase em que ela diz que precisaria ter três vidas, uma só para amar, uma só para cuidar dos filhos e outra só para escrever. Destes três pontos, o que você acha que ainda está faltando na sua vida?*

Glória – Todos três (risos). Pra você ver como eu sou ávida. Todos três, com certeza. Eu quero escrever outro livro agora, sabe quando está coçando? E eu acho que não vou poder escrever agora o livro sobre a alegria. Eu sempre acho que eu poderia ser melhor com meus filhos e eu sempre acho que eu poderia amar melhor, ter mais tempo... eu não sei qual está faltando mais. Como agora eu estou solteira talvez esteja faltando amar mais. Mas eu nunca acho isso, nunca digo que estou só. Se eu for a uma festa dançar e for bom, e eu só brincar, man-

gar do povo, rir, fazer coreografia, cantar, já foi ótimo. Eu tenho muitos amigos, adoro os meus amigos e minhas amigas, e acontece muita coisa na minha vida. Tem uma amiga minha que o sonho dela é encontrar um amor, eu não tenho esses sonhos, não acho que serei feliz quando encontrar um amor. Eu acho que quando eu encontrar um amor, ele se somará a isso tudo. Por isso que no amor tem de se ter tolerância, não é brincadeira você ser o amor de uma pessoa que tem isso tudo. Não tenho aquele sonho de eu e você,

"Isso tudo é muito conspirador, isso que vocês estão fazendo, e eu fico feliz de estar junto de vocês nesse projeto [da Entrevista]. Fico muito feliz mesmo, vou guardar essa revista com todo o carinho..."

você e eu e mais ninguém. Nós devemos ter isso tudo juntos, é uma coisa mais complexa. Para mim o amor é isso: a conjugação de projetos de vida que se entrelaçam para fazer mais coisas juntos. Tipo assim: eu contigo e você comigo, a quantidade de coisas que a gente pode fazer junto, heim? Mas nem todo mundo quer amar assim, né?

Ciro – *Então você se considera satisfeita?*

Glória – Eu me acho. Por enquanto, não sei se daqui a duas semanas eu ainda vou estar. Hoje eu estou satisfeita.

Ciro – *Pessoal, mais alguma pergunta?*

Glória – Eu não tenho mais nem vida para me perguntarem... (risos) Eu queria agradecer, sempre acompanhei esta revista. Toda vida que o Ronaldinho lança-a, não sei se ele nota, mas eu estou lá. Eu tenho todas as revistas, gosto, mas nunca tive a pretensão de ser entrevistada. Não sei por que, mas as coisas acontecem comigo assim, sem eu ter muita pretensão. Mas eu quero dizer pra vocês que foi uma honra mesmo. Tenho uma admiração muito grande pelo Ronaldinho, ele nem sabe, pelo homem que ele é, são dessas pessoas que a Universidade precisa. Eu agradeço tudo isso, vocês terem ido atrás da minha vida, dos meus filhos, eu acho isso de muita delicadeza...

Ciro – *É que você não viu a pós-produção que irá atrás de você... (risos)*

Glória – Mas é muito bacana, não tem aquela música, que eu acho que é o Chico Buarque que canta, Todo Sentimento? Isso tudo é muito conspirador, isso que vocês estão fazendo, e eu fico feliz de estar junto de vocês nesse projeto. Fico muito feliz mesmo, vou guardar essa revista com todo carinho, se minha avó estivesse viva eu mandava... "Olha a revista que eu apareci!"

Ciro – *Valeu Glória!*

Glória – *Vocês ainda vão querer o resto do vinho?*

Maria Rita – *Ora...!É*



Finalmente, Haguette destacou: "Glória tem iniciado muitos alunos na pesquisa acadêmica, passando os conhecimentos e técnicas dela pra frente e contribuindo para formação de novos quadros na UFC.